



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO

Contribuições de Mikhail Bakhtin para uma visão de processo grupal

Mikhail Bakhtin's contributions to a group process vision

BARBARA MARIA TURCI

UBERLÂNDIA, 2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

BARBARA MARIA TURCI

Contribuições de Mikhail Bakhtin para uma visão de processo grupal

Mikhail Bakhtin's contributions to a group process vision

Dissertação apresentada à banca examinadora da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia.

Orientadora: Eliane Regina Pereira

Coorientador: Emerson Fernando Rasera

Banca Examinadora: Prof. Dra. Eliane Regina Pereira

Prof. Dra. Daniela Franco Carvalho

Prof. Dra. Andrea Vieira Zanella

UBERLÂNDIA, 2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

T932c Turci, Barbara Maria, 1992
2018 Contribuições de Mikhail Bakhtin para uma visão de processo grupal
/ Barbara Maria Turci. - 2018.
77 f.

Orientadora: Eliane Regina Pereira.
Coorientadora: Emerson Fernando Rasera.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.795>
Inclui bibliografia.

1. Psicologia - Teses. 2. Bakhtin, M. M. (Mikhail Mikhailovich),
1895-1975 - Teses. 3. Diálogos - Teses. 4. Psicologia existencial - Teses.
I. Pereira, Eliane Regina. II. Rasera, Emerson Fernando. III.
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em
Psicologia. IV. Título.

CDU: 159.9

Angela Aparecida Vicentini Tzi Tziboy – CRB-6/947



ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO JUNTO AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA, DO INSTITUTO DE PSICOLOGIA, DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA.

Programa de Pós-graduação em Psicologia – PGPSI

Defesa de: Dissertação de Mestrado Acadêmico - nº 301/2018/PGPSI

Data: 08/06/2018

Hora de início: 09h00min

Discente: Matrícula nº: 11612PSI006

Nome: Barbara Maria Turci

Título do Trabalho: “Contribuições de Mikhail Bakhtin para uma visão de processo grupal”.

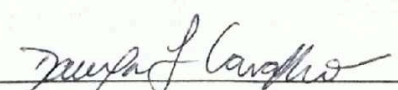
Área de Concentração: Psicologia

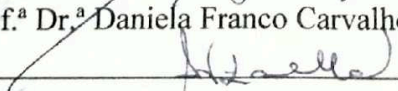
Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais em Saúde e Educação

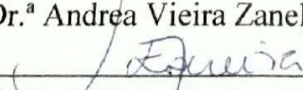
Projeto de Pesquisa de Vinculação: É possível construir uma estética para a sensibilidade nos trabalhos com grupos?: investigando um curso de formação para o trabalho com grupos.

Reuniu-se, na sala 2C46, do Campus Umuarama, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, assim composta: Professores Doutores: Prof.^a Dr.^a Eliane Regina Pereira, orientadora da candidata; Prof.^a Dr.^a Daniela Franco Carvalho (Membro Externo) e Prof.^a Dr.^a Andrea Vieira Zanella (Membro Externo).

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa Prof.^a Dr.^a Eliane Regina Pereira apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público e concedeu à discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa. A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu os conceitos finais. Em face do resultado obtido, a Banca considerou a candidata A **PROVADA**. Esta defesa de Dissertação de Mestrado Acadêmico é parte dos requisitos necessários à obtenção do título de **Mestre**. O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU. Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos às 11 horas e 15 minutos. Foi lavrada a presente ata que, após lida e achada conforme, foi assinada pela Banca Examinadora.


Prof.^a Dr.^a Daniela Franco Carvalho (Membro Externo)


Prof.^a Dr.^a Andrea Vieira Zanella (Membro Externo)


Prof.^a Dr.^a Eliane Regina Pereira (Presidente)

AGRADECIMENTOS

Assim é que elas foram feitas (todas as coisas) —
sem nome.
Depois é que veio a harpa e a fêmea em pé.
Insetos errados de cor caíam no mar.
A voz se estendeu na direção da boca.
Caranguejos apertavam mangues.
Vendo que havia na terra
Dependimentos demais
E tarefas muitas —
Os homens começaram a roer unhas.
Ficou certo pois não
Que as moscas iriam iluminar
O silêncio das coisas anônimas.
Porém, vendo o Homem
Que as moscas não davam conta de iluminar o
Silêncio das coisas anônimas —
Passaram essa tarefa para os poetas.

(Prefácio – Manoel de Barros)

Construímo-nos pessoas singulares pela oportunidade que temos de nos relacionar com *outros* específicos, únicos em sua existência, que tornam nossa relação irrepetível. A Barbara pesquisadora, escritora de uma dissertação de mestrado, está atrelada a outras tantas, cada uma constituída por outras teias de relações, de forma que nesse texto estão presentes muitas vozes que constroem junto comigo esse discurso repleto de enunciados polifônicos.

Meus pais contribuíram com a criatividade em minha escrita. Com eles aprendi a criar histórias, a conversar com personagens que eu mesma inventava e, em nossa casa, sempre tive o espaço necessário para opinar, discordar, decidir por mim mesma a partir das coisas que eu já conhecia por meio deles. A essas pessoas, então, agradeço por toda a liberdade, pela oportunidade de ter meu lugar na família, pelo encorajamento de me posicionar e por garantirem que eu respondesse sempre por mim mesma.

Já a minha orientadora está presente de forma concreta em cada parte do texto. Em uma trajetória de alguns anos de parceria, companheirismo, aprendizagem e de muito afeto, foi com ela que aprendi a gostar de pesquisar. Desde o nosso primeiro encontro Eliane instiga minha curiosidade e provoca reflexões. A ela agradeço por todas as oportunidades de trabalho e de estudo, por ter permitido que eu cometesse meus próprios erros, se preocupando em me ajudar a lidar com suas consequências, por ter caminhado comigo por longos percursos e, depois, por me acompanhar no trajeto de volta e recomeçar outra trajetória. Agradeço por ter me impulsionado a me desapegar de questões que não mais me acrescentavam e por me ajudar a percorrer novos rumos. A ela, meu muito obrigado, principalmente por me permitir estar presente em minha escrita.

Emerson, meu coorientador, é o responsável pelo refinamento do meu texto, pelo cuidado com cada palavra, pela delicadeza da escrita. A ele devo a oportunidade de sempre repensar sobre meu discurso, de me voltar às minhas próprias reflexões. Agradeço a ele pelo tempo, pela disponibilidade, pela leitura minuciosa e, principalmente, pelas provocações. São elas que me garantiram me apropriar de minha dissertação e justificá-la para mim mesma, construindo minha postura como pesquisadora e profissional.

Ao meu avô, um pequeno agradecimento, que mesmo tão singelo não contradiz sua importância: obrigada por me ensinar sobre o quando os encerramentos são indispensáveis e dão lugar a novas aberturas e por me dar a certeza de que ensinamento, aprendizagem e educação só acontecem se atravessados, de alguma forma, por afeto.

Em meio a todos esses processos, devo aos meus amigos e companheiros de vida: Anna Carolina, Alanna, Beatriz, Carolina, Hudson, Isabela, Germano e Nathania, o respirar também presente em meu texto. A eles agradeço por todo acolhimento, por

todo incentivo e pelas interlocuções preciosas que me proporcionaram espaço e tempo para “olhar para fora” do lugar de onde vim e estou, além de por toda compreensão no momento em que voltei para esse lugar, não mais do modo como os encontrei, mas carregada de cada um deles.

Natália está em todos os momentos nos quais o processo de pesquisar e trabalhar exigiu de mim paciência e em todos aqueles em que a empolgação e o imediatismo falaram mais alto. A ela agradeço por todo o amor oferecido a mim, a todo esse processo e, principalmente, por ter compartilhado dele comigo de forma a senti-lo também como seu, com tudo que isso representa: preocupação, ansiedade, cansaço e também gratificação, alegria e crescimento.

Destino meus agradecimentos também à minha banca de qualificação, Professora Marisa e Professora Daniela, que com tanto cuidado se envolveram nos caminhos já traçados da dissertação, os consideraram com seriedade e puderam me apontar outros tantos passos a dar. Dessa mesma forma, aproveito para desde já agradecer à minha banca de defesa pela disponibilidade de leitura, auxílio e presença nesse momento dialógico de constatações, reflexões e de mais aprendizagem.

RESUMO

A presente dissertação de mestrado tem por objetivo principal apontar uma visão de grupo baseada em conceitos centrais de Mikhail Bakhtin, inspirando um fazer grupal que abarque essa visão. Para isso, é realizada uma breve contextualização histórica sobre grupos e uma opção pelo termo processo grupal, considerando reflexões já realizadas por outros autores para contextualizar o ponto de partida das considerações sobre grupos que acontecem na discussão. Posteriormente, é efetuada uma aproximação ao autor Mikhail Bakhtin e a alguns de seus conceitos. A análise do trabalho, por sua vez, consiste em uma breve explanação das noções bakhtinianas de **dialogismo**, **polifonia**, **ato/atividade**, **tom emotivo-volitivo**, **enunciado**, **excedente de visão/exotopia**, e **autor/autoria**, seguida da discussão sobre o processo de constituição do sujeito a partir desses conceitos e, finalmente, sobre como tais noções auxiliam em apontamentos que indicam o lugar dialógico do grupo e como as mesmas ajudam a inspirar um fazer grupal coerente com essa visão. O sujeito de Bakhtin é um sujeito inserido em um contexto social e histórico, em relações cujos encontros proporcionam que ele se volte para si mesmo a partir do olhar que o outro pode lhe oferecer, tornando-se ativo e responsivo em seu próprio processo de constituição e em sua atuação diante de sua própria realidade. O grupo dialógico é aquele que possui um movimento em que o sujeito pode compreender-se como ativo e responsivo em seus posicionamentos, a partir do encontro/confronto entre as diversas vozes sociais constitutivas de si, sendo coautor na criação de novos enunciados, em polifonia.

Palavras chaves: Processo Grupal, Grupos, Constituição do Sujeito, Mikhail Bakhtin

ABSTRACT

This master thesis has the main objective to point a group vision based on central concepts of Mikhail Bakhtin, inspiring a group that do embraces this vision. For this, a brief historical background is performed on groups and an option for the term group process, considering reflections already undertaken by Silvia Lane, Martín-Baró and Andaló to contextualize the starting point for consideration of groups that happen in the discussion. Later, it made an approach to the author Mikhail Bakhtin and some of its concepts. The analysis of the work, in turn, consists of a brief explanation of bakhtinian notions of **dialogism**, **polyphony**, **act/activity**, **emotional-volitional tone**, **stated**, **surplus of vision/exotopy**, and **author/authors**, followed by discussion of the process of constitution of the subject from these concepts and, finally, how such notions help in notes that indicate a group that can be called here dialogic and how they help to inspire a consistent group to make this vision . The subject of Bakhtin is a subject in a social and historical context in relations whose meetings provide he will return to himself from the look that the other can offer, becoming active and responsive in its own constitution process and his performance in front of his own reality. The dialogical group is one that has a motion in which the subject is perceived as active and responsive, through a space opening for his speech can be heard and answered and that from these meetings, new utterances can be created, in polyphony.

Keywords: Grupal process, Groups, Constitution of the Subject, Mikhail Bakhtin

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
INTRODUÇÃO.....	12
A construção dos grupos: contextualizações e aproximações	12
O processo grupal enquanto processo de ruptura	19
Afinidades com Mikhail Bakhtin	21
MÉTODO.....	26
Caminhando por uma perspectiva bakhtiniana.....	26
Trilhas percorridas.....	28
<i>Escolha dos principais conceitos de Mikhail Bakhtin</i>	28
<i>Análise e Discussão</i>	30
APROXIMAÇÕES INICIAIS AOS CONCEITOS BAKHTINIANOS	31
<i>Dialogismo</i>	31
<i>Polifonia</i>	34
<i>Ato/Atividade</i>	38
<i>Tom Emotivo-Volitivo</i>	42
<i>Enunciado</i>	43
<i>Excedente de visão/Exotopia</i>	46
<i>Autor/Autoria</i>	48
DOS CONCEITOS BAKHTINIANOS A UMA CONCEPÇÃO DE SUJEITO	50
DOS CONCEITOS BAKHTINIANOS A UMA VISÃO DE PROCESSO GRUPAL..	57
ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES	71
REFERÊNCIAS	72

APRESENTAÇÃO

A maior riqueza
do homem
é sua incompletude.
Nesse ponto
sou abastado.
Palavras que me aceitam
como sou
— eu não aceito.
Não aguento ser apenas
um sujeito que abre
portas, que puxa
válvulas, que olha o
relógio, que compra pão
às 6 da tarde, que vai
lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.
Perdoai. Mas eu
preciso ser Outros.
Eu penso
renovar o homem
usando borboletas.

(Retrato do artista quando coisa – Manoel de Barros)

Ao escrever uma dissertação de mestrado, resultado de um longo processo de pesquisa, muitas vezes não nos damos conta da dimensão dos atravessamentos que envolvem o ato de pesquisar e da própria escrita. Como bem aponta Marília Amorim (2004) no livro “O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas”, utilizado na metodologia desse trabalho, “o texto se estrutura tendo como forma principal o diálogo” (p.211), no qual se encontram histórias de dentro e de fora da pesquisa que se relacionam direta e indiretamente a postura do pesquisador. O lugar de onde viemos constitui o lugar do qual partimos para questionar, duvidar e propor (cernes para a construção de qualquer projeto).

Criada em uma família de classe média, sempre estudei em escolas particulares e tive a saúde cuidada em hospitais privados, contudo, tive a oportunidade de me deslocar desse contexto, apesar de carregar suas marcas, para pensar na possibilidade de outras existências, de outros jeitos de estar no mundo. Isso aconteceu, principalmente, após meu contato com a saúde pública da perspectiva apresentada pela minha atual orientadora, na época orientadora de Trabalho de Conclusão de Curso, de Iniciação Científica e de Estágio.

Passei a fazer parte de uma coautoria na coordenação de rodas de conversa em uma Unidade Básica de Saúde da Família, o que logo me despertaria o interesse pelos grupos e pela pesquisa sobre esse tema. Nesse momento, também me aproximei de Bakhtin e de seus pensamentos nas supervisões que realizávamos. Suas reflexões me faziam retornar às práticas feitas na UBSF e cada conceito se tornava ferramenta para reflexões sobre os grupos.

Após meu trajeto na graduação ser concluído, tornei-me psicóloga de um Centro de Atenção Psicossocial – ad III da cidade, em que os grupos mais uma vez têm, ou deveriam ter mais, protagonismo. Percebi-me tomada por diversas questões relativas ao fazer grupal naquele espaço e, de início, essa realidade me impulsionou a ingressar no mestrado.

Dessa forma, meu objetivo com essa dissertação é o de encontrar e apontar uma visão de grupo baseada nas contribuições de Mikhail Bakhtin, considerando seus conceitos que levam a uma reflexão sobre a constituição dos sujeitos e a possível implicação dessa aproximação na inspiração de um fazer grupal. Para isso, realizarei um trabalho dividido em algumas sessões: Apresentação, Introdução, Método, Análise e Discussão, e Considerações Finais, sendo que cada um dos capítulos estará, ainda,

dividido em subseções, conforme o que considero de importante destaque e explanação.

Neste primeiro capítulo, Apresentação, destaquei os caminhos que me levaram a pensar nessa pesquisa e a construir meu objetivo. Na próxima sessão introduzirei uma contextualização sobre o tema de grupos, para que o leitor possa se aproximar de algumas diferentes e importantes perspectivas sobre grupos e, em seguida, realizarei a proposta de reflexão sobre o processo grupal, em uma exposição da visão de grupo de que parto e na qual busco me aprofundar a partir dos conceitos bakhtinianos. A escolha de Bakhtin também é explicada e defendida a partir de sua biografia, do teor de suas obras e, principalmente, do olhar que seus próprios conceitos oferecem.

Sobre o Método, conto em um passo a passo como defini meu objeto de pesquisa, como foi feita a escolha e o recorte dos conceitos a serem analisados e discutidos e de como eles foram analisados para a realização da discussão que se segue à análise.

Por sua vez, a parte da Análise e Discussão da dissertação é dividida na aproximação aos conceitos de Mikhail Bakhtin, na compreensão da constituição dos sujeitos através desses conceitos e no encontro entre os mesmos e uma visão de processo grupal que inspira um fazer a partir dessa perspectiva.

Nas últimas considerações, tenho a oportunidade de retomar meu trabalho, de me voltar ao seu processo de construção, pensando naquilo que foi abarcado e naquilo que, sem dúvidas, gera ainda mais questionamentos, apresentando meu olhar em relação a todo esse movimento.

INTRODUÇÃO

Tenho um livro sobre águas e meninos.
 Gostei mais de um menino
 que carregava água na peneira.
 A mãe disse que carregar água na peneira
 era o mesmo que roubar um vento e
 sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.
 A mãe disse que era o mesmo
 que catar espinhos na água.
 O mesmo que criar peixes no bolso.
 O menino era ligado em despropósitos.
 Quis montar os alicerces
 de uma casa sobre orvalhos.
 A mãe reparou que o menino
 gostava mais do vazio, do que do cheio.
 Falava que vazios são maiores e até infinitos.
 Com o tempo aquele menino
 que era cismado e esquisito,
 porque gostava de carregar água na peneira.
 Com o tempo descobriu que
 escrever seria o mesmo
 que carregar água na peneira.
 No escrever o menino viu
 que era capaz de ser noviça,
 monge ou mendigo ao mesmo tempo.
 O menino aprendeu a usar as palavras.
 Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
 E começou a fazer peraltagens.
 Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.
 O menino fazia prodígios.
 Até fez uma pedra dar flor.
 A mãe reparava o menino com ternura.
 A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta!
 Você vai carregar água na peneira a vida toda.
 Você vai encher os vazios
 com as suas peraltagens,
 e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos!
 (O menino que carregava água na peneira – Manoel de Barros)

A construção dos grupos: contextualizações e aproximações

Por entender que a história de qualquer fenômeno ou objeto de estudo é fundamental em sua compreensão, me é caro que aquela que perpassa os grupos seja ao

menos brevemente contada nesse texto, o que possibilita, dessa forma, a realização de aproximações e distanciamentos convenientes à nossa apropriação de uma visão de grupo.

A Psicologia Social se mostra interessada nesse assunto ao estudar os diferentes grupos e a constituição dos mesmos. Segundo Silvia Lane (2001), as noções que hoje são atribuídas aos grupos são embasadas em redefinições estabelecidas ao longo do tempo por essa área do conhecimento, transpondo uma visão dicotômica da relação entre sujeito e grupo para pensá-lo a partir das determinações sociais que o atravessam. A partir dessa concepção, “toda ação transformadora da sociedade só pode ocorrer quando indivíduos se agrupam” (Lane, 2001, p. 78).

As relações sociais próprias da existência humana são construídas, portanto, em grupos nos quais o encontro ou confronto com o outro¹, que se apropria de seu contexto de formas diferentes a partir de sua história, é inevitável (Zanella & Pereira, 2001). Falo, portanto, de um espaço de atravessamento pelo sujeito, da dimensão histórica, econômica, política e cultural que constituem os sujeitos em relação.

A partir disso são vários os jeitos de pensar grupo, identificados com diversas abordagens teóricas. Regina Benevides de Barros (2007), em seu livro “Grupo: A Afirmação de um Simulacro” ajuda-nos a entender algumas práticas grupais a partir de seu olhar sob elas.

No século XVIII o capitalismo e a ascensão da burguesia caracterizaram o indivíduo como central na sociedade, de modo cada vez mais individualizado. O que se segue, no entanto, no século XIX, é uma movimentação das massas, que passam a questionar, a partir da força política dos pobres e trabalhadores, o modo de funcionamento capitalista. Talvez vistas como os primeiros grupos, as massas passaram

¹ Quando falo de outro, estou falando daquele que está externo ao sujeito: outra pessoa, outro objeto, o mundo etc.

rapidamente a sofrer tentativas de controle social a fim de suas manifestações serem apropriadas e redirecionadas ao mercado de consumo. De qualquer forma, o espaço público passa a ser um lugar legítimo dos grupos, o que tem continuidade no século XX, ainda caracterizado por uma dicotomia entre indivíduo e sociedade (Barros, 2007).

Assim, correntes filosóficas que já se propunham a pensar o indivíduo a partir do grupo e vice-versa² ganham complementaridades que Barros (2007) pontua de acordo com os autores estudiosos desses grupos, que busco apresentar de forma resumida.

O primeiro autor citado por Barros (2007) é Moreno, cujas experiências de trabalho com grupos têm início em 1930 com a criação da sociometria, em que ele estava preocupado com a libertação da criatividade e espontaneidade do coletivo, facilitando mudanças.

Outro autor importante e influente tanto para aqueles que apostam em seus estudos e práticas² como para aqueles que a criticam, é Kurt Lewin, criador da dinâmica de grupo. Lewin segue a hipótese de que o grupo é mais do que a soma de suas partes, e acrescenta que isso é visível quando há modificação dessas partes, resultando em uma mudança na estrutura grupal em que o mesmo se torna irredutível aos indivíduos que a compõem. Posteriormente, Bion também investe em reflexões, estudos, pesquisas e práticas que buscam responder ao impasse entre indivíduo e sociedade, procurando ocupar, de forma simultânea, o espaço dos conflitos individuais e o espaço dos conflitos coletivos (Barros, 2007).

² Durkheim foi quem passou a definir o grupo como mais do que a soma das partes, afirmando a ideia de totalidade em que os indivíduos eram resultantes das características da sociedade. Assim, é na sociedade e no grupo que se encontram as explicações para a vida individual. A partir disso, surge, ainda, a ideia da consciência coletiva, que dá origem à consciência individual, em um determinismo social. Hobbes, por sua vez, define o grupo como uma expressão das características individuais, que são as que realmente importam.

Taylor, por sua vez, investe em questões referentes ao coletivo pertencente às organizações de trabalho, pensando grupos que objetivavam atingir um bom funcionamento para essas organizações e a garantia da continuidade e aumento da produtividade. Nesse sentido, Mayo se apropria dos estudos de Taylor, concorda com ele e acrescenta que há outros aspectos a serem pensados para além de conflitos relacionados aos aspectos físicos e ambientais detectados anteriormente, ao que ele dá o nome de fator humano (Barros, 2007).

Outro tipo de grupo, segundo Barros (2007), buscava a realização de reflexões sobre higiene e cuidados pessoais e era pensado pelo médico Pratt, que levava em consideração, na construção desse espaço, a disposição das pessoas do grupo e os elementos vinculares do mesmo.

Na tentativa de romper com a dicotomia razão/afeto, Pichón constrói uma prática que proporciona a reflexão sobre as atividades do ser humano como repletas de múltiplos aspectos, considerando, ainda, que um grupo apenas existe caso esteja operando sob uma mesma tarefa, com um mesmo objetivo, em que o vínculo estabelecido durante o processo de realização da mesma torna-se o movimento principal do grupo (Barros, 2007).

Na tentativa de pensar grupos a partir de conceitos psicanalíticos e se diferenciar de conceitos de Moreno e Lewin, alguns psicanalistas, como Anzieu, Pontalis, Kaës, Missenard, Bejarano, entre outros, definem o grupo como contexto de descoberta de formações do inconsciente (Barros, 2007).

Por fim, Félix Guatarri, um autor do qual Barros (2007) se aproxima, não se voltava para análise de indivíduos ou de coletivos, mas de processos, que se referem ao modo instituído de funcionamento da sociedade. Segundo Barros (2007), Guatarri

coloca o grupo como espaço de suporte para diversos modos de expressão, enunciados, que abrem possibilidades de acesso instituintes para além do próprio grupo.

Além dos apontamentos feitos por Barros, outro olhar é proposto por Batista, Borges e Vecchia (2011). Os autores mostram três grandes construções dos grupos ao longo da história: a primeira refere-se à análise institucional e surge com o objetivo de pensar nas práticas sociais instituídas e naturalizadas, questionando a utilização do grupo como objeto de experimentação acadêmica e a redução de fenômenos culturais, econômicos e políticos a parâmetros psicanalíticos, tendo surgido a partir das manifestações sociais do Maio de 68 francês (Batista, Borges & Vecchia, 2011)³.

A segunda ênfase tem destaque a partir da década de 1970 junto à emigração de alguns psicólogos argentinos ao Brasil como exilados políticos. Rompidos com a Associação Psicanalítica Internacional e questionadores dos limites da psicanálise ortodoxa, esses psicólogos propunham intervenções que iam para além dessas barreiras, com famílias, comunidades e instituições. Surge, então, a epistemologia convergente de Pichón-Rivière com os chamados grupos operativos, como espaços de tomada de consciência, desalienação e transformação. O grupo operativo caracteriza-se por organizar as pessoas em torno de uma tarefa, que pode ser implícita ou explícita, diferenciando-se por enxergar o sujeito como inserido em uma teia de relações sociais e vínculos: instrumentos para o suprimento de suas necessidades, identificadas nas atividades do grupo (Batista, Borges & Vecchia, 2011).

A terceira construção apontada por Batista, Borges e Vecchia (2011) é fundamentada no materialismo histórico e dialético e tem em um rompante de

³ Vecchia (2011, p. 380) apresenta esse momento em seu texto como “um conjunto de manifestações sociais (greves, fechamentos de fábricas, escolas etc.) que visavam a refletir a respeito da burocratização do socialismo real e à sua conseqüente incapacidade de enfrentamento sistêmico das investidas do capital.”.

mobilização social ocorrido na época da ditadura militar na América Latina da década de 1970. Silvia Lane e Martín-Baró são vistos por esses autores como protagonistas da compreensão de que o grupo é fundamental para conhecer o ser social, apreendê-lo como ser histórico e para possibilitar ações transformadoras.

Para tanto, seriam necessárias mediações de uma perspectiva ideológica, política e socioeconômica, visão proposta por Silvia Lane (1994) quando ela expôs duas possibilidades de pensar grupo: a primeira delas parte dos estudos de pequenos grupos e está vinculada à teoria de K. Lewin, que os percebe a partir de seu espaço topológico e de seu sistema de forças e os analisa segundo a dinâmica das pessoas que são parte desse espaço, seja em relação umas com as outras ou de um sujeito em relação a uma tarefa proposta no grupo.

Essa abordagem coloca a divisão de papéis como caminho fundamental para se conduzir e realizar um grupo, com a manutenção da harmonia das relações sociais, em que conceitos como coesão, liderança e pressão de grupo são desenvolvidos e utilizados. A função desse grupo é definir papéis, circundar a identidade social dos indivíduos e, principalmente, garantir a sua produtividade social, em um funcionamento que é estático, e ahistórico:

O grupo coeso, estruturado, é um grupo ideal, acabado, como se os indivíduos envolvidos estacionassem e os processos de interação pudessem se tornar circulares. Em outras palavras, o grupo é visto como a-histórico numa sociedade também a-histórica. A única perspectiva histórica se refere, no máximo, à história da aprendizagem de cada indivíduo com os outros que constituem o grupo (Lane, 2001, p.79).

A segunda visão abarcada por Lane (1994) preocupa-se mais em enfatizar o caráter de mediação dos grupos que, por sua vez, refletem a relação entre os indivíduos ali presentes e a própria sociedade em que vivem. Nesse espaço, o processo pelo qual o grupo acontece é de primordial importância já que ele diz das determinações sociais presentes nas relações.

A autora apresenta Horkheimer e Adorno, que apostam no microgrupo como a mediação necessária entre sujeito e sociedade e cuja estrutura é construída historicamente e é, portanto, variável. Outros autores apresentados são Loureau, que propõe uma análise das instituições por meio das relações grupais que nelas ocorrem, e Lapassade, que pensa as dinâmicas grupais como inseridas em um nível institucional que determina as características do grupo, acontecendo a partir de uma contradição entre serialização e totalidade. Para este último, porém, apenas quando os sujeitos conseguem se organizar é que se pode falar em grupo, em uma práxis comum (Lane, 1994).

O Grupo Operativo de Calderón e De Govia, ainda, oferece uma prática a partir da visão de que o grupo se constitui quando há uma relação significativa entre duas ou mais pessoas, que se processa por intermédio de relações encadeadas em função de necessidades materiais e/ou psicossociais, visando à produção da satisfação dos sujeitos (Lane, 1994).

Pichón-Rivière, por sua vez, encaixa-se, segundo Lane (1994), em uma perspectiva dialética, na medida em que sua técnica visa a uma análise sistemática da compreensão das ideologias inconscientes que geram a contradição e os estereótipos no processo da produção grupal, buscando compreender quais são as pautas sociais internalizadas nos sujeitos que organizam suas formas de se relacionarem no contexto

em que vivem, seus medos, resistência a mudanças, e dificuldades de comunicação e aprendizagem.

Apesar de falar em processos grupais, a visão de processo de Pichón-Rivière se difere da defendida ao longo dessa dissertação na medida em que esse autor, que concebe o grupo como um conjunto restrito de pessoas ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, visa a instrumentar a ação grupal de forma rígida em seu desenvolvimento a fim de solucionar dificuldades internas dos membros do grupo.

Dessa forma, não há como limitar as inúmeras visões existentes sobre grupo, sendo que esse percurso proporciona, entre elas, a noção de que os sujeitos que os constituem possuem uma condição inexoravelmente histórica e social, cuja singularidade é construída a partir da apropriação, por eles, do conjunto de relações sociais de que são parte (Vygotski, 1995).

Dessa forma, Pereira & Zanella (2001) apontam a importância do grupo ser considerado como lugar de constituição dos sujeitos em relação, em que a existência de um conjunto de pessoas não exclui a pluralidade das singularidades ali existentes. As autoras acrescentam, ainda, a reflexão de que o grupo também é constituinte de seus membros, cujo *locus* expressa a sociedade como um todo.

Inspirada por essas reflexões, aproximo-me, então, de uma visão de grupo atravessada pelo contexto histórico e cultural em que vivemos, em que “Só há sujeito porque constituído em contextos sociais, os quais, por sua vez, resultam da ação concreta de homens que coletivamente organizam seu próprio viver”. (Zanella, 2004, pp. 127).

O processo grupal como processo dialético.

Lane (1994) traz o processo grupal como perpassado pela lógica de funcionamento da sociedade em que está inserido e que também constitui os sujeitos

presentes nesse espaço, sendo que dessa perspectiva a existência e a ação grupal só podem ser consideradas se o forem as marcas da inserção do grupo na sociedade, com todas as suas determinações ideológicas.

Dessa forma, tratar de processo grupal não diz respeito apenas a uma nomenclatura, mas a uma compreensão sobre grupos. Martín-Baró (1989) fala da perspectiva dialética e, portanto, também da constante inserção do grupo em uma realidade social e histórica. Para o autor, nesse lugar, as dimensões históricas, econômicas, políticas e culturais se encontram, atravessando-o e o construindo-o. Por sua vez, os grupos também proporcionam atuação nessa realidade: as relações que acontecem cotidianamente produzem contradições dentro do espaço do grupo, que se forma a partir de aspectos singulares e também da realidade objetiva da sociedade.

Arelado a essa dinâmica está a concepção de mediação de Andaló (2010), que faz uso do termo mediador para nomear uma função grupal de resgate dos sujeitos como históricos e autores de sua própria história individual e coletiva. A autora enfatiza como método a utilização da exposição das contradições como fundamental, de forma antagônica a um funcionamento que busque harmonia, coesão, conclusão, definição de papéis, entre outras forças que, segundo ela, não produzem movimento, não fazem aparecer as contradições basilares da estrutura da nossa sociedade.

Nesse sentido, grupo torna-se lugar de agenciamento de movimentações, distanciando-se do maniqueísmo em que Martín-Baró (1989) questiona sobre a suposta terapêutica presente na harmonia grupal, na concordância entre os participantes de um grupo, que, segundo o autor, tem ênfase exagerada nas publicações dessa temática.

Entendo que os autores a que me refiro até agora nos dão algumas pistas para pensar grupos como lugares de encontro/confronto entre múltiplas singularidades constituintes desse processo, com a possibilidade de que, sem que elas sejam assoladas,

possam participar de acontecimentos que as constituam em relação. No entanto, de que forma o grupo pode se tornar lugar para esses acontecimentos?

Mikhail Bakhtin, estudioso da linguística e de várias outras áreas do conhecimento, apresenta uma visão dialógica da linguagem, que, por sua vez e de forma coerente, possibilita reflexões sobre a constituição do sujeito que são pertinentes a esse texto. Ao me aproximar de Bakhtin, outros conceitos auxiliaram a pensar sobre as relações sociais e sobre a unicidade dos sujeitos presentes nessas relações.

Afinidades com Mikhail Bakhtin

Mikhail Mikhailovitch Bakhtin é nascido na Rússia, em 1895, no conturbado período da Revolução Russa, entre a “possibilidade de uma nova sociedade e as impossibilidades ditadas pelo governo stalinista” (Brait, 2005, pp. 178). Um autor com extensa obra, considerado filósofo, historiador da cultura e estética e caracterizado pela sua pluralidade, presente na grande quantidade de assuntos pelos quais se interessava. Outras definições para ele giram em torno de “linguista”, “filólogo”, “crítico literário”, “semiólogo”, ou simplesmente “pensador”.

Dessa forma, Bakhtin escreveu diversas obras, sempre abertas à contradição, em que não se reporta à Psicologia como base ou objetivo da formulação de sua teoria. Graduado em Letras, Filosofia e História, o autor se propõe a pensar na realidade social baseado na constituição do sujeito como um processo inseparável de sua condição social, histórica e econômica, focado na linguagem e na mediação constitutiva e dialógica do discurso na vida do indivíduo.

Sua aproximação com uma teoria revolucionária e a própria criação de escritos que iam contra o modo de funcionamento vigente da época da Revolução Russa não

barraram Bakhtin de, em uma época tão contraproducente, dar seguimento a seus pensamentos (Brait, 2016).

Bakhtin e outros intelectuais próximos a ele com formação filosófica, literária, científica e/ou artística, participaram na construção de diálogos afins com a linguística, o formalismo, a psicologia, a filosofia e o marxismo ortodoxo, formando o que hoje é chamado de Círculo de Bakhtin, em que os autores que o constituem se destacam por se interligarem e dialogarem entre si sobre uma concepção de linguagem, de um método sociológico e/ou de uma poética da prosa, de maneira a construir conhecimento linguístico, literário e filosófico permeados pela existência concreta, pela cultura, pela ideologia do cotidiano, elegendo o diálogo como base (Brait, 2016).

Alguns membros do Círculo são Matvei Isaevich Kagan, Lev Vasilievich Pumpianskii, Ivan Ivanovich e Sollertinskii, Pavel Nikolaevich Medvedev e Valentin Nikolaevich Voloshinov, sendo a questão da autoria, ou da coautoria bastante discutida atualmente no que se refere às obras que são denominadas bakhtinianas e aos estudiosos que compunham esse grupo.

Para fins dessa dissertação, adianto a concepção de autoria colocada por Sobral (2012) como aquela que deve considerar o princípio dialógico e os elementos sociais e históricos que formam o contexto da interação, entendendo interação não apenas como a relação esgotada pela situação do encontro imediato entre dois ou mais autores, mas também pela conjuntura anterior e posterior de enunciações já realizadas e possíveis.

Assim, entendo todas as obras aqui utilizadas, referenciadas por Bakhtin ou por qualquer um dos autores do chamado Círculo de Bakhtin, como escritos produzidos em coautoria realizada por interlocução direta entre esses estudiosos, e também pela relação dialógica entre as vozes sociais constituintes desses autores.

Nesse contexto, muitas obras importantes foram produzidas. Beth Brait (2016), recentemente, realizou uma coletânea dos livros que considerou mais importantes e que caracterizam, de uma forma geral, o pensamento bakhtiniano.

Em “Para uma filosofia do Ato Responsável”, texto da década de 1920 e uma das obras consideradas por Brait (2016) mais difíceis e marcantes de Mikhail Bakhtin, o objetivo é construir uma arquitetônica da existência, compreender a vida como ela é de forma concreta e não a partir de sistematizações abstratas. Para isso, contradições do existir são apresentadas, como: “vida e cultura, concreto e abstrato, unidade e unicidade, vida e arte, real e impossível, singular e universal, repetível e irrepetível, lei e evento, eterno e instante, indiferente e valorado” (Brait, 2016, p. 4).

A autora destaca o emergente estranhamento pelo fato de Bakhtin não trabalhar a linguagem durante a maior parte do livro, o que aparece, porém, de forma destacada na última parte do mesmo através da análise de um poema de Puchkin. Essa discussão é retomada em “O autor e o herói”, cuja parte na obra concretiza a tomada de consciência a respeito da arquitetônica da existência, do que o autor chama de Ato Responsável (Brait, 2016).

Para Bakhtin (2010) a arte e a visão estética que fazem parte do mundo abstrato da cultura se aproximam da vida de tal forma que são essenciais à construção de uma arquitetônica da existência, passando a ser consideradas protagonistas de suas obras. A singularidade, para ele, deve-se especialmente à condição estética de expressar o tom Emotivo-Volitivo, outro conceito apresentado no livro.

Outros conceitos com teor epistemológico dessa obra são fundamentais para que o leitor entenda escritos posteriores, tornando “Para uma Filosofia do Ato Responsável” um texto fundamental dentre os vários escritos do autor. Esses conceitos são:

dialogismo, irrepitível, inconcluso, tom valorativo, valores em constante tensão, eu/outro (Brait, 2016).

“Estética da criação verbal”, por sua vez, é um livro de importância singular por, ao ser publicado em 1979, ter reunido trabalhos escritos ao longo de seis décadas. Ao longo dos textos, as reflexões que são feitas referem-se à: arte e responsabilidade (ligadas diretamente à Para uma filosofia do Ato Responsável); questões das obras de Dostoievski e aspectos a respeito de outras obras literárias (destacando o gênero romance); gêneros do discurso; questões sobre autoria e atividade estética; aspectos filosóficos da linguística; metodologia das ciências humanas e transdisciplinaridade das ciências humanas (Brait, 2016).

Outra coletânea de estudos, segundo Brait (2016), dessa vez focada na teoria e crítica literária, além da poética histórica, é: “Questões de literatura e de estética: a teoria do romance”, dos anos 1930. Nessa obra há um conjunto de escritos que reflete o pensamento bakhtiniano do romance como gênero literário, abordando aspectos como: discurso; especificidades da prosa literária; e a relação entre espaço e tempo na literatura, em que há uma apropriação da matemática e da teoria da relatividade de Einstein com o termo cronotopo, referindo-se à relação entre categorias de espaço e tempo e se tornando dimensão na construção de uma poética de prosa. Esse livro está diretamente ligado a outras duas obras importantes: “Problemas da poética de Dostoievski” (1972) e “A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais” (1965).

Em “Problemas da poética de Dostoievski” Bakhtin trata a forma artística de Dostoievski, considerada por ele inovadora com o pensamento artístico polifônico. O autor perpassa por várias características das obras de Dostoievski, abordando questões literárias e apresentando conceitos epistemológicos. Alguns aspectos abordados são: a

personagem, a ideia, o gênero e suas particularidades, carnavalização e o discurso (Brait, 2016).

Referência para aqueles que estudam a história do riso e a cultura popular, dentro da literatura ou não, “A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais” foi publicado em 1965 e apresenta um humor grotesco, escatológico e concreto. Aborda a cultura cômica popular da época em questão, inserindo Rabelais na criação de alguns conceitos, como: “carnaval, carnavalização, corpo, cosmovisão carnavalesca, destronamento, festa popular e praça pública, confronto entre mundo oficial e extraoficial, outro cômico, paródia, polifonia, realismo grotesco e riso” (Brait, 2016, pp. 17).

Passando a questões gramaticais mais concretas e, como coloca Brait (2016), revelando seu lado didático como professor, Bakhtin produz, entre 1942 e 1945, uma sequência didática do período composto por subordinação em conjunção, trabalhada de forma estilística e em interação entre professor e aluno: “Questões de estilística no ensino da língua” propõe explicitar de que forma as escolhas de quem fala e escreve constroem diferentes sentidos, efetivando a autoria.

“Mikhail Bakhtin em diálogo: Conversas de 1973 com Viktor Duvakin⁴”, publicado pela primeira vez em 1996, reúne seis conversas acontecidas entre os dois autores, com diálogos que possibilitam escutar esses pensadores (Brait, 2016).

“O freudismo: um esboço crítico” (1927) e “Marxismo e filosofia da linguagem” (1929) são obras de conversa com aspectos da teoria de Freud e Marx, respectivamente. No primeiro estudo, são abordadas questões sobre a psicanálise e seu método de estudo do conteúdo da consciência humana, ao passo que o segundo é constituído como um conjunto de reflexões sobre a utilização da linguagem na

⁴ Estudioso de literatura na Universidade de Moscou. (Brait, 2016)

exposição de Marx de sua visão de mundo, com consequências aos conceitos de signo ideológico, palavra, consciência, horizonte social, índices de valor, entre outros (Brait, 2016).

Cada uma dessas obras acarreta em outros tantos escritos, que mostram sua visão de mundo, seus conceitos epistemológicos, suas análises a respeito da literatura, entre outras questões de importância para o autor. Seus livros inspiram a construção da própria arquitetônica da existência de inúmeros outros autores, que utilizam de suas reflexões para basear seus próprios trabalhos.

MÉTODO

O filósofo Kierkegaard me ensinou que cultura
 é o caminho que o homem percorre para se conhecer.
 Sócrates fez o seu caminho de cultura e ao fim
 falou que só sabia que não sabia de nada.
 Não tinha as certezas científicas. Mas que aprendera coisas
 di-menor com a natureza.
 Aprendeu que as folhas
 das árvores servem para nos ensinar a cair sem
 alardes. Disse que fosse ele caracol vegetado
 sobre pedras, ele iria gostar. Iria certamente
 aprender o idioma que as rãs falam com as águas
 e ia conversar com as rãs (...).
 (Aprendimentos – Manoel de Barros)

Caminhando por uma perspectiva bakhtinana

A forma como esta dissertação de mestrado foi escrita perpassa, primeiramente, por minhas angústias como pesquisadora e, posteriormente, pela transformação que o próprio ato de pesquisar e escrever proporcionaram a mim e a meu trabalho. Como coloca Marília Amorim, em seu livro de 2004 “O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas

Ciências Humanas”, a pergunta da pesquisa se transforma durante a narrativa e, em uma comparação com a produção de um filme, “o ponto de vista do cineasta é a todo momento transformado pelo outro, ou melhor, *alterado*” (Amorim, 2004, pp. 25).

Imersa em um contexto no qual o trabalho com grupos era exigido, permiti-me, naquela familiaridade, estranhar o modo como eles eram vistos, inclusive por mim. O estranhamento é fundamental ao procedimento da pesquisa, que por vezes deve ser construída mediante a cegueira causada pela familiaridade. Dessa forma, a estranheza torna-se fundamental à própria existência do objeto de pesquisa: “Para que alguma coisa possa se tornar objeto de pesquisa, é preciso torná-la estranha de início para poder retraduzi-la no final: do familiar ao estranho e vice-versa, sucessivamente.” (Amorim, 2004 p. 26).

A fim de apontar uma visão de grupo inspirada pelo autor Mikhail Bakhtin, me perguntei: de onde eu poderia partir? Deveria eu analisar obras ou conceitos? Quais obras e quais conceitos deveriam ser pensados?

A princípio, a escolha de algumas obras pareceu-me mais viável, já que meu aprofundamento em tal teoria ainda era demasiadamente raso para que eu soubesse de antemão quais conceitos me ajudariam. Coloquei-me, então, à disposição da obra “Para uma Filosofia do Ato Responsável” já que a mesma é considerada base (escrita em 1920) dos pensamentos que se seguiriam. Brait (2016) tem esse livro como “Um dos mais difíceis do conjunto da obra do Círculo, considerando-se seu teor altamente filosófico e o diálogo polêmico estabelecido com várias correntes filosóficas.” (p. 3).

Como não poderia ser diferente, houve a dificuldade de definir de forma clara os conceitos da obra, bem como suas definições, ao passo que pelo menos alguns aspectos centrais no texto, como: ato responsável, tom emotivo-volitivo, evento, repetível e irrepetível, unicidade, entre outros, começaram a ficar claros a mim.

Ao procurar por outros autores que me ajudassem a dialogar com tais conceitos, no entanto, me deparei com outras tantas ideias, como as de polifonia e dialogismo, as quais me remetiam fortemente aos grupos e que não necessariamente estariam presentes nas obras que seriam escolhidas. Esse fato, então, me levou a preferir me aproximar de conceitos centrais do autor, em busca daqueles que me fariam pensar sobre os grupos.

Trilhas percorridas

A partir de então, trilho o seguinte caminho: 1 – Escolha dos principais conceitos de Mikhail Bakhtin ; 2 – Análise e Discussão.

Escolha dos principais conceitos de Mikhail Bakhtin

Para pensar os conceitos que seriam escolhidos, diante da gama de possibilidades oferecidas, busco, antes, autores que estudam sobre Bakhtin para que eu possa me situar também sobre o que considero importante pensar dos grupos.

Realizo, assim, uma pesquisa entendida como texto que se produz sempre no intertexto, na busca de uma escrita dialógica que reflete tanto a mim como àqueles autores com quem dialogo em uma pluralidade de vozes que a constituem em um todo (Amorim, 2004). O contrário disso, a escrita monológica, resultaria no apagamento das diferentes enunciações que produziram meu objeto de pesquisa, em um dogmatismo que pode ser tradicional, mas que não demonstra a realidade do processo de pesquisar.

Encontro-me, então, com Beth Brait à medida que ela organiza em alguns de seus livros diversos autores estudiosos de Bakhtin para pensar seus conceitos, explicando-os de forma clara e didática. Como em qualquer interação dialógica, as

divergências de opiniões entre os muitos autores bakhtinianos existem e são bem vindas à construção de enunciados para essa dissertação.

Beth Brait, por sua vez, é crítica, ensaísta, professora-associada da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e da Universidade de São Paulo. Fez doutorado e livre-docência em Linguística na USP, é pesquisadora na área de letras e linguística, foi coautora, autora e organizadora de várias obras relacionadas a Mikhail Bakhtin, dentre elas “Língua e literatura”, “Bakhtin: conceitos-chave”; “Bakhtin: outros conceitos-chave”; “Bakhtin e o Círculo”; “Bakhtin: dialogismo e polifonia”; “Literatura e outras linguagens”, “Comunicação e análise do discurso”, todas publicadas pela Editora Contexto. Além disso, a autora estabeleceu um compilado das dez obras mais importantes de Bakhtin, com breves explicações sobre seus conceitos.

Opto pela ajuda que as reflexões que Brait e outros autores me oferecem de Bakhtin e de seus conceitos pelo amplo diálogo e disponibilidade que eles oferecem quanto a suas ideias, proporcionando um panorama amplo de possibilidades.

Seguindo por essa proposta, escolhi aqueles conceitos que de forma mais clara a mim trazem as relações sociais como constituintes dos sujeitos, possibilitando pensar em um lugar de encontro e confronto entre essas relações: o lugar do grupo. Opto, assim, pelos conceitos de **Dialogismo, Polifonia, Ato/Atividade, Tom Emotivo-Volitivo, Enunciado, Excedente de visão/Exotopia, e Autor/ Autoria.**

É importante ressaltar que a escolha desses conceitos, e mais propriamente dito, dessa quantidade de conceitos, também perpassa algumas questões que são da estrutura de uma pesquisa de mestrado, como a necessidade de foco e de delimitação da amplitude do trabalho, bem como de tempo para a realização da pesquisa. Entendemos, no entanto, que diversos outros conceitos de Bakhtin poderiam, em outra ocasião, nos auxiliar a pensar sobre processo grupal, que o aprofundamento ainda maior nos

conceitos já selecionados também seria bastante rico ou que outro foco que não o dado na aproximação realizada a esses conceitos poderia apresentar diferentes e relevantes aspectos.

Análise e Discussão

Dentro dessa parte, incluo uma trajetória de três momentos: Aproximação aos conceitos bakhtinianos; Reflexão sobre a constituição dos sujeitos e Reflexão sobre os grupos. Para a “Aproximação aos conceitos bakhtinianos”, partirei das obras do próprio Bakhtin e serei auxiliada, para aprofundamento, por diversos outros autores que se referem a ele. Os conceitos estão, por sua vez, diretamente ligados uns aos outros, sendo que cada um deles ajuda a pensar o outro e assim por diante.

A “Reflexão sobre a constituição dos sujeitos” é uma sessão de aproximação dos conceitos a uma visão de constituição do sujeito que os próprios trazem e que auxiliam nas reflexões realizadas sobre os grupos na parte seguinte, “Reflexão sobre os grupos”, em que, de fato, uma discussão sobre os conceitos bakhtinianos inspira um fazer grupal.

Ao analisar os conceitos, parto da ideia, também bakhtiniana, da análise do discurso, em que um enunciado concreto nunca está dissociado de seu contexto cultural, apresentando uma verdade científica, artística, política, entre outras, mas sempre carregada de uma ideologia de base, localizada em um tempo e em um espaço (Bakhtin, 1993).

Pode-se dizer, dessa forma, que nunca um enunciado é despretensioso, assim como sua análise não o é, já que ele intenciona dizer algo que remete, antes, a uma ideologia e que sua análise está carregada, por sua vez, da visão do sujeito que a realiza. Em meu caso, portanto, posso afirmar que realizo a leitura dos conceitos de Bakhtin a partir de minha visão de mundo, coerente com suas ideias, e pensando na utilização

desses conceitos para refletir, primeiro, constituição dos sujeitos e, posteriormente, mas não distanciado disso, de processo grupal. Para Bakhtin (1993), ainda, o enunciado é uma unidade concreta, carregada de sentido perante o qual há a possibilidade do outro tomar uma atitude responsiva de manter o caráter de interação, de relação com a palavra dita/escrita.

Pretendo, nesse sentido, me relacionar com os conceitos que procuro abordar de forma responsiva, ou seja, me implicando na análise como coautora, mantendo a postura ética de conservar a noção de que Bakhtin não escreve sobre os grupos, mas sim parte de um momento pessoal e histórico para escrever. Dessa forma, com uma intencionalidade única, me implico na análise.

APROXIMAÇÕES INICIAIS AOS CONCEITOS BAKHTINIANOS

VII

No descomeço era o verbo.
 Só depois é que veio o delírio do verbo.
 O delírio do verbo estava no começo, lá
 Onde a criança diz: Eu escuto a cor dos
 passarinhos.
 A criança não sabe que o verbo escutar não
 funciona para cor, mas para som.
 então se a criança muda a função de um
 verbo, ele delira.
 E pois.
 Em poesia que é voz de poeta, que é a voz
 de fazer nascimentos —
 O verbo tem que pegar delírio.
 (Uma didática da invenção – Manoel de Barros)

Dialogismo

O conceito de Dialogismo é fundante na teoria bakhtiniana, visto que perpassa todos os outros conceitos, atravessando-os em seus sentidos e atribuições, sendo ele

muito caro primeiramente aos estudos da linguística e de análises literárias, de onde o próprio Bakhtin parte para construir a questão maior do livro “Problemas da Poética de Dostoievski”, que representa, segundo Bezerra (2015), uma “autêntica revolução na teoria do romance como gênero específico e produto de uma poética histórica”. (p. 7).

O próprio Bakhtin, porém, atribui o conceito de Dialogismo para realidades que vão além dos estudos da linguística, de modo a deixar claro que para ele todas as relações de comunicação humana são dialógicas:

Não se pode enfocar o ângulo dialógico dos discursos por critérios genuinamente linguísticos, pois as relações dialógicas não pertencem a um campo genuinamente linguístico, são extralinguísticas, toda linguagem humana está impregnada de relações dialógicas e não pode haver relações dialógicas tampouco entre os textos em uma perspectiva rigorosamente linguística, pois elas pertencem ao campo do discurso, que é de natureza dialógica (...). (Bakhtin, 2002, p. 182-283).

As relações dialógicas – fenômeno bem mais amplo que as relações entre as réplicas do diálogo expresso composicionalmente – são um fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma tudo o que tem sentido e importância. (Bakhtin, 2010, p. 47).

Enxergar as relações como sendo dialógicas tem o sentido de enxergar o sujeito inexistente de forma isolada, mas como produto da interação e do emaranhado entre muitas consciências, que dele participam de forma ativa, com seus próprios valores,

dando lugar aos valores dos outros que também dão lugar aos seus. Nessa relação, é apenas ao me revelar ao outro que tomo consciência de mim mesmo, de modo que não posso me constituir sem que haja esse outro, que me traz a realidade à minha formação e que é ativo em mim (Bezerra, 2015).

Ao dizer do outro em seus escritos, Bakhtin não se refere, porém, apenas a um outro físico. Ao falar da interação e do emaranhado entre muitas consciências, o autor não diz da relação face a face, exclusivamente. O pensamento bakhtiniano abarca as vozes sociais como sendo posicionamentos no mundo e constitutivas dos sujeitos. Nas palavras de Faraco (2003), o mundo interior das pessoas é uma arena povoada dessas vozes sociais em suas várias relações, consonantes ou dissonantes, mas sempre em movimento, em contínuo devir, e carregadas de uma interação socioideológica.

Fiorin (2006) também aponta que o dialogismo em Bakhtin não se confunde com a interação presencial, que não deixa, por sua vez, de ser uma forma em que as relações dialógicas acontecem, já que elas estão presentes em todo o processo de comunicação, em qualquer dimensão. Além disso, o dialogismo está presente sempre entre discursos, de forma que só existe interlocutor por existir discurso e que o encontro entre os discursos do locutor e do interlocutor é o espaço do dialogismo.

Ainda para Fiorin (2006), o dialogismo bakhtiniano apresenta dois importantes sentidos: ser princípio constitutivo da linguagem, seu modo real de funcionar; e uma forma singular de composição do discurso, os quais são provenientes de uma aposta de que não há como termos acesso à realidade pura, mas sim ao discurso em que essa realidade se apresenta, de forma que nossa relação não acontece diretamente com as coisas, mas com os discursos sobre as coisas: uma relação entre discursos. Essa relação, por sua vez, se dá de forma dialógica, no encontro entre os discursos que os movimentam e atravessam, produzindo novos discursos sobre essa realidade.

Outra característica do dialogismo é o não encerramento das vozes em qualquer tentativa de unificação e conciliação das contradições que elas provavelmente apresentam, o que as qualificaria como monológicas. O romance polifônico encontra terreno na Rússia em uma época que o capitalismo avançava de maneira desastrosa em suas contradições, mas em vez de seguir o funcionamento dessa estrutura social e econômica, Dostoievski preocupa-se em não encerrá-las, mas sim em dar visibilidade aos diferentes pontos de vista, o que produz dialogismo:

Seu mérito [Dostoievski] consiste em abster-se de tornar monológico esse mundo, em abster-se de qualquer tentativa de unificação e conciliação das contradições que ele [o mundo] encerra: adota a multiplanaridade e o caráter contraditório como momento essencial da própria construção e da própria ideia artística. (Bakhtin, 2010, p. 21).

Assim, nos romances dostoiévskianos, as vozes participam do diálogo de forma equipolente, ou seja, se confrontam em pé de igualdade, o que, talvez, seja a característica que Bakhtin (2010) coloca como fundamental ao dialogismo.

Polifonia

A Polifonia surge atrelada ao conceito de Dialogismo, estando também relacionada primeiramente a estudos literários, como aponta Paulo Bezerra (2005), e a ideia de não acabamento, inconclusibilidade, realidade em formação e multiplicidade de vozes. Nos estudos bakhtinianos sobre o gênero literário do romance, são compreendidos dois tipos de escrita romanesca: o monológico e o polifônico (Bezerra, 2005). Bakhtin realizou, então, análises minuciosas e profundas apreciações e críticas,

de forma ousada, inovadora e autêntica, para chegar a essas tipologias, ao conceito de dialogismo e a outros conceitos.

Consideramos Dostoievski um dos maiores inovadores no campo da forma artística. Estamos convencidos de que ele criou um tipo inteiramente novo de pensamento artístico, a que chamamos convencionalmente de tipo polifônico. Esse tipo de pensamento artístico encontrou expressão nos romances dostoievskianos, mas sua importância ultrapassa os limites da criação romanesca e abrange alguns princípios básicos da estética europeia. Pode-se até dizer que Dostoievski criou uma espécie de novo modelo artístico do mundo, no qual muitos momentos basilares da velha forma artística sofreram transformação radical. (Bakhtin, 2010, p. 1).

As personagens de Dostoievski são criadas como *personas* do mundo real, as quais o autor concebe como personagens, preservando sua autonomia como pertencentes ao mundo real. É a característica de serem independentes interiormente em relação ao próprio autor na estrutura do romance, permitindo, inclusive, que as personagens se rebelem contra Dostoievski, que, segundo Bakhtin, torna os romances dostoievskianos carregados de dialogia: os romances polifônicos (Bezerra, 2015).

O herói [de Dostoievski] tem competência ideológica e independência, é interpretado como autor de sua concepção filosófica própria e plena, e como objeto da visão artística final do autor [...]. O valor direto e pleno das palavras do herói desfaz o plano monológico e provoca resposta

imediate, como se o herói não fosse objeto da palavra do autor, mas veículo de sua própria palavra, dotado de valor e poder plenos. (Bakhtin, 2010, p. 3).

A independência de que fala Bakhtin (2010) destina-se à oposição às definições, conclusões, modelos e acabamentos que encerram a condição de movimento de *persona* das personagens e alinha-se à independência psicológica e intelectual em que as subjetividades são preservadas em sujeitos que representam em si um universo social plural, dotados de consciências igualmente plurais. Consciências com valores próprios, mas que interagem entre si, que dialogam.

Em suas contribuições ao “Bakhtin: conceitos-chave” de Beth Brait, Bezerra (2005) esclarece que quando se diz de algo que ele é Monológico, diz-se de suas características autoritárias, de seu acabamento. Por outro lado, quando se fala que algo é Polifônico, fala-se de sua realidade em eterna formação, de sua inconclusibilidade, não acabamento, polifonia, de seu dialogismo. Dessa forma, enquanto a primeira modalidade diz respeito ao estabelecimento de uma verdade única, dogmática e que não leva em conta a subjetividade das personagens, a segunda visão apresenta as personagens como em constante movimento, em permanente processo, carregadas de múltiplas e possíveis verdades, constituintes de inúmeras subjetividades. A polifonia é, portanto, a própria multiplicidade de vozes da vida social, cultural e ideológica representada nos sujeitos do romance, que estão sempre em movimento.

Dessa forma, a lógica da polifonia no romance é a de que as personagens do contexto romanesco sempre serão inconclusas, sempre estarão em evolução. O autor oferece a Dostoievski o lugar de escritor que cria genuinamente a polifonia e baseia-se nele para o desenvolvimento desse conceito: “E, de fato, a própria polifonia, como o

evento de integração entre vozes autônomas e internamente inacabadas, exige uma concepção artística diferente do tempo e do espaço [...]”. (Bakhtin, 2002, pp. 221).

Quando se diz do universo polifônico, diz-se de sua constituição ampla, repleta de facetas e possibilidades, em que cada habitante é singular. Ao falar, o sujeito produz múltiplas vozes, refletoras da vida social, cultural e ideológica do mundo em que estão inseridas (Bezerra, 2005).

O que caracteriza a polifonia, então, é a posição do sujeito que fala como regente de um grande coro de vozes que constituem sua própria voz a partir das relações que ele estabelece com o outro e com o mundo. O próprio sujeito cria e recria essas vozes sem que elas percam sua autonomia e faz com que elas revelem nele mesmo outro sujeito, infinito e inacabável (Bezerra, 2005).

A essência da polifonia reside precisamente no fato de que as vozes permanecem independentes e, como tal, são combinadas em uma unidade de ordem superior à homofonia [*monologia*]. Se um sujeito fala sobre sua vontade individual, então é precisamente em polifonia que uma combinação de várias vontades individuais tem lugar, em que os limites do individual podem ser excedidos. Podemos dizer que: a vontade artística da polifonia é uma vontade que combina muitas vontades. Uma vontade para o Evento. (Bakhtin, 2002, pp. 66, *grifo meu*).

Vinculado a outro sujeito em dialogia, constituindo-se e sendo constituído por ele, o autor, aquele que diz, é profundamente ativo nessa relação em que ambos são interrogados, provocados e responsivos um pelo outro (Bezerra, 2005).

Bakhtin sempre se volta à questão fundamental do conteúdo histórico, social e ideológico presente em seus conceitos, e com a polifonia não é diferente. O autor atribui a esse conceito uma característica de resistência ao funcionamento da sociedade capitalista ao dizer dele como contrário à coisificação do sujeito, à redução de si à condição de objeto, e à estagnação monológica, e colocá-la como forma de emissão de enunciados que, ao afirmarem sua existência histórica e cultural, movimentam-se em dialogia (Bakhtin, 1997).

Ato/Atividade

O conceito de Ato/Atividade é de importância no pensamento bakhtiniano, sendo que existe um livro específico para seu desenvolvimento. “Para uma Filosofia do Ato Responsável” trata do agir como qualquer atividade humana: pensamentos, sentimentos, desejos, discursos; localizada em um contexto concreto e que existe *a priori* ao sujeito; e sendo único e irrepetível.

Sobral (2005) destaca que, em Bakhtin, portanto, ato/atividade não se confunde com a ação física por si só, ainda que a englobe enquanto parte do agir humano, com um sentido que lhe é atribuído de forma ativa pelo sujeito no momento em que acontece.

A formulação desse conceito é bastante original, mas não deixa de dialogar de forma crítica e participativa com outros estudos do ato/atividade, como as reflexões aristotélicas sobre ato e potência, a separação de Platão entre aparência e realidade, as principais concepções kantianas (alvos de diálogos tanto opositivos como assimilativos), algumas questões sobre a filosofia do processo de Schelling e problematizações filosóficas de Marx (Sobral, 2008).

Cada um de meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um ato singular responsável meu; é um dos atos que compõem a minha vida singular inteira como agir ininterrupto, porque a vida inteira na sua totalidade pode ser considerada como uma espécie de ato complexo: eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir (Bakhtin, 2012, pp. 44).

Merecendo uma explicação mais detalhada, a característica da unicidade e da irrepetibilidade do ato está conectada à própria concepção de constituição do sujeito. Constituímos-nos na relação com as vozes sociais, em que a realidade social e histórica em que estamos inseridos são por nós apropriadas (Bakhtin, 2012).

Ao nos apropriarmos desse contexto existente *a priori*, pelas relações que estabelecemos com ele, fazemos isso de formas diferentes. Cada sujeito se constitui de forma singular e atuante na construção de sua subjetividade. Para Bakhtin (2012), cada atividade realizada nesse processo de constituição, por sua vez, é o que ele chama de ato, sendo, portanto, único, como cada processo de constituição. Se um ato é único significa, então, que mesmo perante o mesmo contexto e história, duas pessoas nunca irão agir de forma repetida no mundo. Seguindo essa linha de raciocínio, pode-se considerar que, sendo o ato particular em relação a mim, apenas eu tenho a capacidade de responder por ele. Essa premissa é a do ato responsável, conceito relacionado intimamente ao de ato/atividade.

Apesar da tradução que dá margem a uma interpretação que leva à palavra responsabilidade como sinônimo de culpa, o sentido que Bakhtin (2012) oferece a ela diz respeito à responsividade, ao responder por algo. Nesse sentido, o autor escreve que

o sujeito que age possui um não álibi para fundamentar sua ação, ou seja, não tem como se desvencilhar de sua própria ação.

Sobral (2008), por sua vez, interpreta o termo ato responsável bakhtiniano como um ato participante, não indiferente, que envolve todo o conteúdo do ato, seu processo, valoração e avaliação do próprio agente com relação ao seu próprio ato. Nesse sentido, o valor do ato não é um valor universal, mas um valor que ele tem para o sujeito que o realiza.

A experiência existe, então, em relação com o agir, situado e avaliado pelo agente que lhe atribui sentido a partir do mundo material e concreto que lhe está dado *a priori*. Não se trata, no entanto, de uma relativização de valores, mas da compreensão de que os valores existem em relação (Sobral, 2008).

Como tudo no existir, Bakhtin (2012) coloca o dever como uma categoria do agir humano e não como uma preposição teórica (especulativa) que exista anterior ao sujeito. Dessa forma, não existe um dever ético, ou normas morais universais fundadas e orientadas em si mesmas, mas sim um sujeito que é moral, que dispõe de seus valores em ato e que deve responder por eles.

Não existem normas morais determinadas e válidas em si, mas existe o sujeito moral com uma determinada estrutura (não, obviamente uma estrutura psicológica ou física), e é sobre ele que necessitamos nos apoiar: ele saberá em que consiste e quando deve cumprir o seu dever moral ou, mais precisamente, o dever (porque não existe um dever especificamente moral) (Bakhtin, 2010, pp. 48).

No entanto, o autor considera a estrutura da sociedade em que vivemos como anuladora de nossa alteridade, ou seja, aquilo que é meu e aquilo que é do outro, as diferenças entre as pessoas são apagadas em prol de uma identificação massiva com as relações sociais e culturais reconhecidas como único modo possível de existência no mundo (Bakhtin, 2010, p.15). Apesar de bem instaurada e sólida nesse sentido, é na contradição que essa estrutura é construída dia- a- dia, já que a identificação se baseia em uma ilusão de igualdade social totalmente oposta à diferença de classes e à desigualdade social, que são pilares para seu funcionamento.

A crise contemporânea é, fundamentalmente, crise do *ato* contemporâneo. Criou-se um abismo entre o motivo do ato e o seu produto. E, em consequência disso, também o produto, arrancado de suas raízes ontológicas, se deteriorou. O dinheiro pode tornar-se o motivo de um ato que constrói um sistema moral (Bakhtin, 2010, p. 115).

Perante essa massificação, alguém só pode conhecer, atuar, pensar, sentir, se emocionar, dizer, de dentro de sua vivência que é única e que o situa em sua identidade. Isso não quer dizer, no entanto, que um indivíduo é constituído a partir exclusivamente de si mesmo, mas que ele é autor, é ativo, e atua em sua constituição, na forma como apreende o mundo e que se relaciona com as vozes sociais que lhe são constitutivas (Bakhtin, 2012).

Para Bakhtin (2012), viver a partir de si e de seu lugar singular é diferente de viver para si ou por conta própria, independente do outro, mas sim, significa viver de um lugar em que há a possibilidade de reconhecimento de suas próprias ações e relações. Assim, o sujeito torna-se insubstituível, não podendo se abster de seu lugar.

Enfim, a singularidade, a unicidade, não correspondem ao egoísmo, reduzido ao biológico e às necessidades fisiológicas. Portanto, quando o sujeito assume responsa por sua ação, sem negar a realidade concreta em que ela acontece, também a cria, em uma concepção relacional do eu-para-mim, eu-para-o-outro e do outro-para-mim (Sobral, 2008).

Se eu me abstraio deste centro no qual se dá a minha participação singular no existir – e, além do mais, não faço apenas abstração da sua especificação conteudística (especificação espaço-temporal, etc.), mas também da sua afirmação real sobre o plano emotivo-volitivo – inevitavelmente a singularidade concreta e a realidade necessária do mundo se desintegram; o mundo se despedaça em momentos e em relações abstratamente gerais, meramente possíveis, que podem ser reduzidos a uma unidade igualmente abstrata e meramente possível (Bakhtin, 2010, p. 119).

Tom Emotivo-Volitivo

Também no livro “Para uma Filosofia do Ato Responsável”, o conceito de Tom Emotivo-Volitivo é esclarecido e, ainda colocado como um momento inseparável do ato, mesmo quando a atividade em questão consiste no pensamento mais abstrato. Esse conceito está ligado ao modo como o sujeito se relaciona com o outro, a partir da afetação que esse outro gera no próprio sujeito, lembrando, sempre, que no pensamento bakhtiniano o outro se refere menos a uma presença física, mas a *outros sociais*.

Falar em tom emotivo-volitivo, portanto, significa dizer da qualidade do afeto que existe em mim com relação ao outro que me chega, afeto esse determinante dos sentidos que disporei ao outro, do que ele significa para mim, de como ajo para/com ele:

Se eu penso num objeto, estabeleço com ele uma relação que tem o caráter de um evento em processo. Na sua correlação comigo o objeto é inseparável da sua função no evento. Mas esta função do objeto na unidade do evento real que nos abarca é seu valor real, afirmado, o seu tom emotivo-volitivo (Bakhtin, 2012, pp. 86).

Ao agir é indispensável que exista o tom emotivo-volitivo. Nenhum pensamento seria realmente pensado, nenhuma palavra seria responsabilmente dita, nenhuma atividade de fato realizada, se não fosse estabelecido com essas ações esse vínculo, representando o valor realmente afirmado por aquele que pensa, daquilo que pensa, por aquele que diz, daquilo que diz, por aquele que age, daquilo que realiza.

Portanto, para Bakhtin (2012), esse conceito envolve por inteiro o conteúdo do agir, se relacionando com o existir enquanto evento singular, único e irrepitível. Para além da estrutura da ação, o tom emotivo-volitivo orienta o existir singular e afirma seu conteúdo da ação. Ou seja, o modo como me afeto na relação com o outro me permite agir com ele de determinada maneira, única.

Enunciado

O conceito de Enunciado tem lugar de destaque em diversas obras bakhtinianas. Tal ideia está, primeiramente, diretamente relacionada ao discurso verbal, à palavra e ao evento, em que Bakhtin objetiva alcançar um enunciado poético como forma de

comunicação estética, analisando enunciados da vida cotidiana (Brait & Melo, 2005) e a condição de existência de algo no mundo real:

[...] o mundo real (abstraindo-se o que é por-vir e pré-dado e ainda não está enunciado) é um sentido já enunciado, já expresso do acontecimento existencial, o mundo em sua atualidade (em seu *já-aqui*) é expressão, é uma palavra já proferida, já emitida. (Bakhtin, 1992, pp. 85).

Partindo do pressuposto de que o enunciado equivale a uma unidade de comunicação, de significação, devidamente contextualizada, Brait e Melo (2005) apontam que a definição de enunciado para Bakhtin está ligada primordialmente a três fatores: o horizonte espacial comum dos interlocutores; o conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores; e sua avaliação comum dessa situação. São incorporados a esse conceito, portanto, a forma de relação entre aqueles que enunciam, caracterizada por momentos verbais e não verbais na própria situação da enunciação, como relativo ao contexto histórico maior em que os interlocutores estão situados e às vozes sociais outras que permeiam a comunicação verbal dos mesmos

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também e, sobretudo por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no *todo*

do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. (Bakhtin, 1997, pp. 158).

Assim, o enunciado concreto, ao longo das obras bakhtinianas, pode fundir-se na ideia de palavra, texto, de discurso, mas aparece também como situada entre a vida e o aspecto verbal do enunciado, direcionando aspectos da vida para o discurso verbal, dando à palavra o seu momento histórico vivo, o seu caráter único (Brait & Melo, 2005).

Não é porque reflete um contexto histórico e cultural, no entanto, que o enunciado deixa de ter uma característica singular enquanto ato irrepetível daquele que enuncia. Pelo contrário, Bakhtin (1992) garante que o enunciado, em qualquer esfera da comunicação, é individual e deve refletir a singularidade do sujeito interlocutor da enunciação. Mas aquele que fala, não fala apenas a partir de si, mas a partir de um contexto e inúmeros outros locutores e enunciados constituídos por inúmeras outras vozes e constituintes de seu próprio existir enquanto evento, seus próprios atos e seu próprio enunciado: “Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados” (pp. 164).

É fundamental que seja destacada, então, a noção de que, em Bakhtin, a linguagem supõe o outro. Dessa forma, o enunciado sempre terá locutor e interlocutores, sendo que, ao dizer para o outro, necessariamente, o sujeito exprime e reafirma sua subjetividade (Amorim, 2004).

A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude *responsiva ativa* (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenehe de resposta e,

de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se locutor. (Bakhtin, 1992 pp. 163).

Destaca-se, no entanto, que o outro, necessário à linguagem, não se constitui como outro presencial, exclusivamente, mas como outro posicionamento, outro modo de existir no mundo, outras vozes sociais constitutivas dos enunciados do sujeito, assim como Faraco (2003) coloca a realidade linguística apresentada por Bakhtin como um mundo de vozes sociais em múltiplas relações dialógicas: “relações de recusa e aceitação, de convergência e divergência, de harmonia e de conflitos, de intersecções e hibridizações” (p. 80).

Excedente de visão/Exotopia

O conceito de Excedente de visão, juntamente ao de Exotopia, constitui-se nas obras bakhtinianas como posturas fundamentais dos sujeitos, um em relação ao outro. Postura essa que possibilita a constituição desses sujeitos, que se dá sempre em relação. De início, esses conceitos também são abordados na forma do discurso literário para depois darem vazão para a reflexão de outras utilizações.

A partir disso, o Excedente de Visão é tratado como sendo a visão que uma pessoa, o *eu*, tem do *outro*, possibilitada pelo lugar que tanto o *eu* como o *outro* ocupam no mundo e na relação entre si. A Exotopia, então, caracteriza-se pelo olhar *de fora*, do lugar do *eu* disponibilizado ao *outro*, e vice-versa:

Esse excedente constante da minha visão e de meu conhecimento a respeito do outro é condicionado pelo lugar que sou o único a ocupar no

mundo: neste lugar, neste instante preciso, num conjunto de dadas circunstâncias – todos os outros se situam fora de mim. A exotopia concreta que beneficia só a mim, e a de todos os outros a meu respeito, sem exceção, assim como o excedente de minha visão que ela condiciona, em comparação a cada um dos outros. (Bakhtin, 1992, pp. 28).

Assim, o *outro* tem relativamente ao *eu*, um excedente de visão, uma experiência que o próprio *eu* não tem de si, mas que de seu lugar oferece algo ao *outro*, que ele também não enxerga por si só, e a partir disso “olhamo-nos com os olhos do outro, mas regressamos sempre a nós mesmos e a nossa incompletude” (Geraldí, 2007, pp. 44).

É apenas do lugar de fora, portanto, que há possibilidade da oferta de acabamento necessária à constituição do sujeito, que, na verdade, existindo em processo, estará, em sua incompletude, em uma constante relação:

Estou por inteiro dentro da minha vida e, se eu de alguma maneira pudesse ver o exterior da minha vida, esse exterior se integraria imediatamente à minha vivência interna, a enriqueceria de um modo imanente, ou seja, deixaria de ser exterioridade que, de fora, proporciona acabamento à minha vida, deixaria de ser fronteira eventual de um finito estético que me proporcionaria, de fora, meu próprio acabamento. Supondo-se que eu possa situar-me fisicamente fora de mim – admitamos que eu receba a possibilidade física de dar-me uma forma de fora - ainda assim eu não terei nenhum princípio segundo o qual eu poderia dar-me essa forma, modelar minha própria exterioridade, proporcionar-lhe o

acabamento estético, se eu não souber situar-me fora de minha vida, se não souber percebê-la como a vida do outro. (Bakhtin, 1992, p. 60).

Dessa forma, há a possibilidade, através do movimento do excedente de visão, gerado pelo lugar da exotopia, de que a forma com que o *eu* se posiciona no mundo seja por ele percebida e de que a forma com que o *outro* o faz seja constitutiva do *eu*, já que lhe oferece um acabamento ao menos provisório.

Autor/Autoria

O tema do autor/ autoria está presente também em várias obras bakhtinianas e é destaque em análises literárias realizadas nesses escritos. Uma das mais conhecidas acontece, por exemplo, em o “Autor e o Herói” (1979), na qual é realizada uma distinção entre o autor-criador e o autor-pessoa. Esse último representando o escritor, artista, é o primeiro atrelado à função estética e formal da obra, preocupado em estabelecer uma relação estética com o herói de seu livro e seu mundo (Faraco, 2005), conforme o próprio Bakhtin explica na introdução de seu texto:

A relação do autor com o herói, tal como se inscreve em sua arquitetura estável e em sua dinâmica viva, deve ser compreendida sob o ângulo das particularidades individuais que ela reveste neste ou naquele autor, nesta ou naquela obra. Propomo-nos, em primeiro lugar, definir esse princípio básico, em segundo, extrair dele os processos e os tipos de individuação e, para terminar, verificar nossas posições mediante uma

análise da relação do autor com o herói nas obras de Dostoievski, Pushkin e outros. (Bakhtin, 1992, p. 18).

Se for possível falar de função do autor-criador, pode-se dizer que seu agir destaca-se da eventicidade do mundo para se organizar em um mundo novo. Ele se posiciona frente a uma realidade vivida e valorada e transpõe esse plano de valores a outro plano de valores. O autor-criador dá, portanto, forma ao conteúdo na medida em que não vive passivamente, apenas, os eventos da vida, mas os ressignifica posicionando-se e reorganizando-os (Faraco, 2005).

O autor não deve ser considerado, então, nem apenas refratário de vozes sociais, nem um criador que parte apenas de sua própria voz, como o que Bakhtin (1992) chama de estética expressiva na teoria da representatividade. Segundo ele, a estética expressiva exclui ao autor a sua autonomia marcada em sua relação com o herói, permitindo que ele tenha apenas a função técnica da expressão.

O ato da criação, em que há a voz criativa, tem que ser sempre uma voz segunda, ou seja, não a voz direta do sujeito, mas uma apropriação de vozes sociais, que serão por ele reordenadas em um todo estético, de forma singular. Para isso, é necessário que haja um deslocamento do autor de seu próprio discurso, como pontua Faraco (2005):

Essa concepção do necessário deslocamento presente no ato de trabalhar uma linguagem estando fora dela remete àquilo que Bakhtin chama, em seu ensaio, sobre o autor e o herói, de o princípio esteticamente criativo na relação autor/herói, qual seja, o princípio da exterioridade: é preciso estar fora; é preciso olhar de fora; é preciso um excedente de visão e

conhecimento para poder consumir o herói e seu mundo esteticamente (p. 41).

Bakhtin (1992) aponta, ainda, as máscaras do autor, que perpassam inclusive por suas escolhas quando da assinatura de suas próprias obras. No entanto, ao assumir que o processo da autoria perpassa pelas relações entre o autor e o outro, em um movimento, inclusive, de deslocamento de seu próprio discurso para refratar outras vozes sociais, o autor assume, conseqüentemente, que sua própria criação é permeada por inúmeros outros enunciados, de forma que não existe uma autoria única, mas sempre uma coautoria.

DOS CONCEITOS BAKHTINIANOS A UMA CONCEPÇÃO DE SUJEITO

Ando muito completo de vazios.
 Meu órgão de morrer me predomina.
 Estou sem eternidades.
 Não posso mais saber quando amanheço ontem.
 Está rengo de mim o amanhecer.
 Ouço o tamanho oblíquo de uma folha.
 Atrás do ocaso fervem os insetos.
 Enfiei o que pude dentro de um grilo o meu
 destino. Essas coisas me mudam para cisco.
 A minha independência tem algemas
 (Os deslimites da palavra – Manoel de Barros)

Ao me aproximar de alguns conceitos bakhtinianos, construo uma visão de sujeito e de sua constituição que não aparece de forma clara nas obras do autor, já que elas vão sendo escritas a partir de estudos e análises sobre a linguística, a filosofia e outros assuntos que desembocam em reflexões sobre a ideologia, a ideia, a consciência e as relações sociais.

Uma das oportunidades em que Bakhtin dá espaço para que sua compreensão a propósito da constituição dos sujeitos seja pensada está presente no vasto estudo das

obras de Dostoievski que realiza, em que coloca o romancista como autor de uma escrita romanesca que, para ele, até então, não podia ser vista em nenhum outro enredo, de nenhum outro escritor: o romance dialógico. Essa característica única se dá pela peculiaridade das personagens do romancista, que, segundo Bezerra (2015), não são apenas objetos do discurso do autor, mas sim sujeitos do próprio discurso.

A maneira como essas personagens são colocadas se opõe ao que habitualmente acontece nos romances: não há conexões entre o enredo e uma pragmática questão material ou psicológica que as objetifiquem e encerrem em um conceito; suas imagens não são desembocadas em interpretações, não correndo o risco de serem tiradas conclusões paralisantes a seu respeito:

A multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoievski. Não é a multiplicidade de caracteres e destinos que, em um mundo objetivo uno, à luz da consciência una do autor, se desenvolve nos seus romances; é precisamente a multiplicidade de consciências equipolentes e seus mundos que aqui se combinam numa unidade de acontecimento, mantendo a sua imiscibilidade (Bakhtin, 2010, p. 04).

Ao falar de multiplicidade de vozes e de consciências, Bakhtin (2010) refere-se à essência da **polifonia**, que está no fato de que diversas vozes atuam na constituição de uma mesma personagem, formando sua consciência e se apresentando em seu discurso de forma **coautorial**. De forma consonante às personagens de Dostoievski, quando um

sujeito encontra-se com outro, as várias vozes sociais constitutivas de suas existências se relacionam de forma equipolente, de forma **dialógica**.

Ainda sobre as múltiplas vozes, Bakhtin (2010) não diz das características concretas do dizer, ainda que as mesmas – verbais e não verbais, as constituam. O autor refere-se aos vários discursos que perpassam um **enunciado**: quando alguém produz um discurso está produzindo junto a ele um conjunto de relações sociais e históricas que construíram esse dizer somado com a singularidade de quem o está proferindo.

Na possibilidade de se constituir de forma ativa, o sujeito vive a oportunidade de posicionar-se frente à realidade e de dar a ela um sentido, de forma a não viver de forma passiva os acontecimentos de que participa, mas de reposiciona-los, ressignifica-los e os reorganizar. O sujeito cria em **coautoria**. Ele não parte, no entanto, apenas de sua própria voz, mas é refratário das inúmeras vozes sociais às quais ele recorre para se apropriar dos acontecimentos que vive:

Em Dostoievski, a consciência nunca se basta por si mesma, mas está em tensa relação com outra consciência. Cada emoção, cada ideia da personagem é internamente dialógica, tem coloração polêmica, é plena de combatividade e está aberta à inspiração de outras; em todo caso, não se concentra simplesmente em seu objeto, mas é acompanhada de uma eterna atenção em outro homem (Bakhtin, 2010, p.36).

Ou seja, na constituição do sujeito, cada voz, cada discurso que faz parte de sua história, compõe seu modo de estar no mundo. Vozes essas que incluem as relações diretas desse sujeito, mas principalmente vozes que refletem uma estrutura social, que é

concreta e que influencia diretamente nesse processo, resultando em uma dialogia eterna.

Bakhtin, portanto, enxerga o sujeito como inserido em um contexto social e histórico, lugar de onde parte para se relacionar e onde se constitui. Processo esse encadeado por **atos/atividades**, em que o próprio constituir-se forma um complexo de atos. O agir, para o autor, engloba cada pensamento, desejo, sentimento, discurso, cujos sentidos são atribuídos no momento da ação (Bakhtin, 2010).

Pode-se dizer, então, que o sujeito se constitui na relação com o outro, sendo esse outro, por sua vez, da ordem dos diversos posicionamentos possíveis no mundo. Outra questão é a da atividade do sujeito nessa relação, em que a apropriação da cultura que lhe rodeia e do que ela lhe oferece é realizada de forma singular, única e irrepetível. Ao colocar a vida como um conjunto de atos e os atos, por sua vez, como atividades singulares, únicas e irrepetíveis, Bakhtin (2010) aponta aquele que as realiza como o único capaz de responder por sua própria vida.

Assim, o sujeito age na vida de um jeito participante, não indiferente a todo o processo de agir, considerando o conteúdo do ato, a valoração e a avaliação do próprio agente. Apesar de parecer solitário nesse processo, Bakhtin (2010) não quer dizer que apenas ele é necessário: viver a partir de si e de seu lugar singular é diferente de viver para si ou por conta própria, independentemente do outro.

Afirmar a possibilidade de reconhecimento de si mesmo em relação ao mundo com tanta ênfase é importante diante de uma estrutura social que anula a unicidade, a alteridade das pessoas. As diferenças desaparecem perante a naturalização de relações sociais e culturais que mantém a desigualdade social (pilar do funcionamento desse sistema social) através da possibilidade ilusória da igualdade.

Conforme Marx & Engels (1967), a instituição central da sociedade capitalista, o Estado, dirige-se à alienação do homem, com uma organização que visa a opressão de uma classe para com a outra (cuja origem está na divisão do trabalho). A democracia liberal, vigente nos dias atuais, proclama-se aberta para que todos possam agir em liberdade, quando na verdade esse resultado é impossível de ser alcançado pela própria metodologia basilar do capitalismo: a exploração.

Dentro desse funcionamento contraditório nós vivemos, atualmente, conformes com mecanismos que consideram os diferentes modos de existir como válidos em suas diferenças apenas para que essa variedade seja apropriada e transformada em objeto de consumo, que novamente as massificam. Esse processo de mascaramento é o que hoje reproduz a passividade dos sujeitos, que, acreditando que têm a garantia de sua individualidade, na verdade não se apropriam da constituição de suas ações, uma vez que as mesmas foram incorporadas em processos de produção para o mercado de trabalho e para o consumo. Se o sujeito não se dá conta de como ou porque age da maneira como vive, ele conseqüentemente continua a não se dar conta de seu próprio processo de constituição, não tendo a possibilidade de responder por ele.

Para Bakhtin (2015), o outro não deve esgotar-se em mim e nem eu no outro, mas devemos existir juntos em nossa unicidade, oferecendo, a partir de nosso modo de existir no mundo, novas possibilidades de constituição àqueles com os quais nos relacionamos. As relações enrijecidas monologicamente, porém, expressam uma necessidade de transformar o outro, de adaptá-lo, torná-lo objeto de uma vontade outra que não a dele mesmo, torná-lo passivo, negar-lhe alteridade e fazer dele a imagem que convém. Isso encerra o sujeito em uma definição, objetifica-o, torna-o coisa.

A capacidade de resposta acerca de seu posicionamento frente a si mesmo, ao outro e à realidade em que vive, é o que torna o sujeito ativo: se sua constituição é

formada por ações das quais ele participa de forma a responder por elas, ele também é capaz de participar de ações outras, que podem proporcionar posicionamentos diferentes, o que não se trata de uma relativização da realidade, mas de uma compreensão de que essa realidade existe em relação.

É dessa forma que, segundo Bakhtin (2010), Dostoievski apresenta suas personagens como inconclusíveis, como passíveis de terem consciência, através do encontro com outras consciências, dos moldes estruturais presentes em suas existências e, quando conscientes, de estarem abertas a mudanças nesse modo de existir como consequência de sua condição de serem agentes no mundo.

Se o processo de constituição do sujeito acontece nas relações sociais, é preciso refletir sobre como as vozes sociais estão presentes nas relações que o sujeito estabelece. Essa reflexão já tem início quando Bakhtin pensa no modo com o sujeito apreende a realidade em que está inserido e com o **tom emotivo-volitivo** como indispensável a esse agir.

Ao estar em relação existe a característica de sempre se estar em processo, já que toda relação é localizada histórica e culturalmente. Necessária à existência dessa relação é o afeto que passa a existir no sujeito sobre o que lhe chega, que determina os sentidos que serão atribuídos a ele e, conseqüentemente, o modo como o sujeito irá agir para com ele. Esse vínculo é perpassado, então, pelo **tom emotivo-volitivo**, sem o qual nenhum agir seria possível enquanto ato responsável, nenhum valor seria atribuído pelo agente.

Dessa forma, não há essência a ser conhecida em uma pessoa, há o existir a partir da relação estabelecida, em que sentidos são atribuídos. É na forma de evento e não de substância que os seres são apreendidos pelos sujeitos, ou seja, ao se relacionar com outras consciências, o sujeito é entendido em movimento constante no espaço e no

tempo concretos em que se encontra, em eterno processo de ação, de existir (Bakhtin, 2010). É no encontro com o outro que o sujeito tem a oportunidade de voltar para si mesmo e para seu próprio processo de constituição, em um movimento em que um olhar de fora é remetido de um sujeito que ocupa, em relação ao outro, um lugar privilegiado (Bakhtin, 1992).

Portanto, a relação entre as pessoas oferece a elas algo que elas mesmas não têm como enxergar por estarem posicionadas de dentro de sua própria existência, lugar em que todo seu agir é impregnado por essa condição. Já o outro, por estar de fora, em **exotopia**, pode disponibilizar ao sujeito um **excedente de sua visão**, algo de estranho sobre ele, de fora do comum, de novo. Ao se deparar com algo novo em relação a si mesmo, o sujeito tem a oportunidade de se enxergar com outros olhos, de voltar a si mesmo e de pensar sobre suas ações, constituindo-se, assim, por esses olhares.

Dentro dessa relação de comunicação, podemos perceber o quanto a voz singular dos próprios interlocutores é fundamental. Cada sujeito possui um contexto, uma história que o torna único em seu dizer e que, em relação constitui um espaço que acontece de maneira irrepitível. Dessa forma, os **enunciados** dos sujeitos sobre si mesmos contém seu modo de existir no mundo, ao passo que o outro, ouvinte do **enunciado**, está longe de ser passivo, sendo que, para Bakhtin (2015), o ouvinte ocupa uma ativa posição responsiva em relação ao que seu interlocutor está dizendo, concordando ou discordando dele, completando-o ou aplicando sua fala, em uma relação na qual toda compreensão é prenhe de resposta.

Nesse processo, supondo a existência singular ativa de outros **enunciados**, em um movimento que torna o locutor ouvinte, e vice-versa, o sujeito tem a oportunidade de fazer o movimento de voltar para si mesmo e refletir sobre seu próprio discurso,

abrindo possibilidade para a construção de novos **enunciados**, ou seja, de novos modos de existir, perpassados por outros interlocutores em uma relação de responsividade.

DOS CONCEITOS BAKHTINIANOS A UMA VISÃO DE PROCESSO GRUPAL

Uso a palavra para compor meus silêncios.
 Não gosto das palavras
 fatigadas de informar.
 Dou mais respeito
 às que vivem de barriga no chão
 tipo água pedra sapo.
 Entendo bem o sotaque das águas
 Dou respeito às coisas desimportantes
 e aos seres desimportantes.
 Prezo insetos mais que aviões.
 Prezo a velocidade
 das tartarugas mais que a dos mísseis.
 Tenho em mim um atraso de nascença.
 Eu fui aparelhado
 para gostar de passarinhos.
 Tenho abundância de ser feliz por isso.
 Meu quintal é maior do que o mundo.
 Sou um apanhador de desperdícios:
 Amo os restos
 como as boas moscas.
 Queria que a minha voz tivesse um formato
 de canto.
 Porque eu não sou da informática:
 eu sou da invencionática.
 Só uso a palavra para compor meus silêncios
 (O apanhador de desperdícios – Manoel de Barros)

A aproximação aos conceitos bakhtinianos provoca uma construção sobre como os sujeitos se constituem nas relações de forma ideal. Ao pensar nos romances monológicos que Bakhtin descreve para dizer da escrita dialógica de Dostoievski, porém, o autor nos faz lembrar das características que envolvem as relações permeadas pelo capitalismo, cuja característica principal é a da falsa sensação de oferta de emancipação aos sujeitos. É proclamada a possibilidade de conquista da liberdade pelas

vias do esforço individual, gerando a contínua disponibilidade da mão de obra e o constante funcionamento do mercado de consumo em um processo contraditório de massificação das singularidades e da alienação (Engels & Marx, 1967).

No universo monológico, *tertium non datur*: a ideia ou é afirmada ou negada, caso contrário ela simplesmente deixa de ser uma ideia de significação plena. Para integrar a estrutura artística, a ideia não afirmada deve perder toda a sua significação, tornar-se um fato psicológico⁵. Quanto às ideias polemicamente refutáveis, estas tampouco são representadas, pois, independentemente da forma que assuma a refutação, esta exclui a verdadeira representação das ideias. A ideia refutada do outro não pode criar, ao lado de uma consciência, a consciência equipolente do outro, caso essa negação permaneça mera negação teórica da ideia como tal (Bakhtin, 2010, p. 89).

Assim, os romances que são pensados e escritos de forma monológica são direcionados a uma conclusão conceitual, a uma definição de ideias em que aquela que for negada perde a possibilidade de ser representada e de apresentar significação. Ao refutar uma ideia dessa forma, refuta-se a possibilidade de existência de uma consciência outra, sustenta-se uma personagem única, singular e, conseqüentemente, anula-se a prática de qualquer diálogo substantivo.

⁵ Bakhtin refere-se a fato psicológico como uma característica dada e imutável de algo ou alguém, considerando uma visão da psicologia individualista, a-histórica e que descontextualiza o sujeito. Ao dizer que no universo monológico a ideia não afirmada, ou seja, a ideia negada só pode integrar a estrutura artística caso torne-se um fato psicológico, o autor quer dizer que a ideia que contradiz só aparece no universo monológico como uma constatação de algo a ser descartado, não ofertando a possibilidade de que essa ideia integre e movimente o enredo.

No terreno do monologismo filosófico é impossível uma interação substantiva de consciências, razão pela qual é impraticável um diálogo substantivo. Em essência, o idealismo conhece apenas uma modalidade de interação cognitiva entre as consciências, ou seja, o sujeito que é cognoscente e domina a verdade ensina ao que não é cognoscente e comete erros [...] (Bakhtin, 2010, p. 91).

O próprio Bakhtin (2015) aponta que a monologia está localizada tal qual uma percepção em diversos outros campos da criação ideológica, nos quais, até mesmo onde há coletividade, ou seja, há possibilidade de haver uma diversidade de forças criadoras, as movimentações cessam em uma unidade, em uma ideia, em um agente, que concentram quaisquer elementos significantes a uma subordinação, encerrando-os, tornando esse lugar estagnado:

Como conclusão, como resumo semântico da representação, a ideologia, dentro desse princípio monológico, transforma inevitavelmente o mundo representado em *objeto de voz sem conclusão* (Bakhtin, 2010, p. 93).

Ao dizer do lugar do grupo, então, localizado em uma realidade cuja concretude está subordinada a características monológicas, diz-se da possibilidade de movimentações sem que necessariamente, porém, ocorra esse processo. Um funcionamento consonante com os romances monológicos de que fala Bakhtin, ou seja, que busque a chegada de conclusões, resumindo-se a uma ideia, de sujeitos em específico, em que alguns detêm elementos valorados pelo grupo e outros são subordinados a esses valores, constitui um funcionamento estagnado.

Assim, caracterizo um grupo com princípios monológicos como aquele cujas características são as de estabelecer lideranças cujas relações de poder impeçam o surgimento de contradições, buscando anular a singularidade dos sujeitos ali presentes em prol de uma harmonia grupal em que uma ideia torna-se predominante. Segundo Lane (2001), esse grupo anula a possibilidade de análise por parte dos mesmos de seu próprio movimento de submissão ou dominação e contribui para a manutenção de um *status quo*.

O psicólogo, por exemplo, quando se coloca como uma entidade de saber superior aos demais participantes do grupo, implica uma concepção dicotômica e idealista de sujeito que deve ser alcançado, sendo definido como coordenador enquanto mais uma figura de poder, que leva os sujeitos a buscarem e se adaptarem a um modo de existir no mundo (Lane, 2001).

O romance polifônico, por sua vez, tem início perante a mesma realidade de vários romances monológicos, época em que o capitalismo avançava exacerbadamente na Rússia, repleto de contradições que eram o máximo possível amenizadas ao mesmo tempo em uma valorização do individualismo e uma naturalização de fenômenos sociais, econômicos, políticos e culturais que colocam os sujeitos em uma condição passiva e ilusória de impossibilidade de compreensão e transformação de sua realidade (Bakhtin, 2015).

Nadando contra essa corrente, os discursos carregados das inúmeras vozes sociais que acompanham os sujeitos são destacados nos romances Dostoievskianos:

Outra característica do dialogismo, do compartilhar das vozes polifônicas, é o não encerramento das mesmas em qualquer tentativa de unificação e conciliação das contradições que elas provavelmente

apresentam, o que as qualificaria como monológicas (Bakhtin, 2010, p. 21).

Compreende-se, então, de forma primitiva, a necessidade de que, coerentemente aos romances polifônicos, o grupo ocupe um lugar em que seja possível a **dialogia**, ou seja, o confronto equipolente entre as vozes sociais presentes em **polifonia** e que são constitutivas dos sujeitos, em que, para Bakhtin (2010), a construção de **enunciados** acontece a partir da exposição de contradições.

Enquanto isso, a ideia colocada em um lugar monológico está sempre sujeita a uma afirmação ou negação, sendo as ideias ou fundidas em uma unidade de consciência, em uma harmonização de juízos, ou refutadas e exauridas de significado, incorporando a imagem de uma manifestação característica individual (Bakhtin, 2010). Ao incorporar ou refutar uma ideia, nega-se a ação de um sujeito ao enunciá-la e, conseqüentemente, seu próprio movimento de constituir-se, oferta-se a ele um acabamento de sua existência que é naturalizado e enrijecido, o que nega também sua **coautoria** em **polifonia** com as diversas outras vozes sociais que têm papel na construção de seus **enunciados**.

[...] o elemento de conclusão ideológica está presente em toda representação, por mais modestas e latentes que sejam as funções formais dessa conclusão. Os acentos da conclusão ideológica não devem estar em contradição com os acentos da própria representação, geradores de formas. Se tal contradição existe, ela é sentida como falha, pois nos limites do universo monológico os acentos contraditórios se chocam numa só voz (Bakhtin, 2010, p. 93).

No universo **dialógico** de Dostoievski, por sua vez, ideia não tem uma construção individual permanente, ela se constitui a partir da comunicação dialogada entre sujeitos, como acontecimento. Essa escrita só era possível para o romancista, segundo Bakhtin (2015), pela capacidade que ele tinha de auscultar o diálogo de sua época, ou “em termos mais precisos, auscultar a sua época como um grande diálogo” (p.100). Nesse movimento, não são as falas dos sujeitos que são captadas, mas as relações dialógicas presentes entre essas falas em que também ficavam claras as vozes sociais dominantes, as ideias dominantes e aquelas que eram fortemente refutadas ou latentes.

Ao perceber as relações existentes entre as falas dos sujeitos em lugar de tomá-las de forma isolada, tem-se a possibilidade de percepção de algo anterior e latente nos **enunciados** que aparecem nos discursos: as relações de poder construídas e naturalizadas como base do funcionamento do sistema em que estamos inseridos e diante do qual somos, na maioria das vezes, passivos: as vozes sociais que constituem esses discursos.

Expor a existência dessas relações, apontar para a construção desses **enunciados**, pode proporcionar por parte dos interlocutores que eles se apropriem da constituição de seus discursos, que eles compreendam sua própria constituição **dialógica**, abrindo a possibilidade para a criação, em **polifonia**, de novos **enunciados**.

Perceber as relações **dialógicas** entre as falas dos sujeitos que se relacionam em no lugar do grupo é perceber a partir de onde esses sujeitos se constituem, de quais outras relações pertencentes às suas histórias e aos seus contextos vêm suas ideias. Não afirmar ou negar nenhuma ideia, mas entender seu processo de construção é dar lugar para que as contradições apareçam e se relacionem na construção de novas ideias, o que

provoca movimento. É nesse sentido que o posicionamento de Dostoievski ao construir uma escrita dialógica se aproxima a viabilização de um processo grupal **dialógico**.

Assim, pensando em um grupo **dialógico**, alguns delineamentos ficam mais claros quanto à construção e características desse lugar e como as relações nele devem ser enxergadas:

A personagem não interessa a Dostoievski como um fenômeno da realidade, dotado de traços típico-sociais e caracterológico-individuais definidos e rígidos, como imagem determinada, formada de traços monossignificativos e objetivos que, no seu conjunto, respondem à pergunta: “quem é ele?”. A personagem interessa a Dostoievski como ponto de vista específico sobre o mundo e sobre si mesma, como posição racional e valorativa do homem em relação a si mesmo e à realidade circundante. Para Dostoievski, não importa o que a sua personagem é no mundo, mas acima de tudo, o que o mundo é para a personagem e o que ela é para si mesma (Bakhtin, 2010, p. 52).

Para Bakhtin (2015), o que deve ser valorizado na personagem dostoievskiana não é sua imagem rígida, mas o resultado definitivo de sua consciência e autoconsciência, o discurso da personagem sobre si mesma e sobre o mundo. Por conseguinte, o sujeito pertencente ao enredo do grupo dialógico deve ser enxergado não em termos de características e traços naturalizados como sendo verdades absolutas acerca de si mesmo e do mundo, mas deve ser entendido como dotado de uma posição frente ao mundo e frente a si mesmo constituído nas suas relações sociais.

Essa atitude tem importância fundamental na análise de qualquer processo grupal, sendo que a constituição de cada sujeito se encontra através dos lugares sociais que ele assume e desempenha no decorrer desse processo, sendo fundamental que, aqui, essas existências sejam percebidas, mas, fundamentalmente, que, por meio delas, seja possível conhecer a posição do sujeito frente aos outros, a si mesmo e ao mundo. De forma consonante a isso, quando um sujeito diz de suas relações externas dentro do grupo, que são prévias a esse lugar, ele fala de forma carregada de **tons emotivo-volitivos** que atribuem a qualidade de afeto a esse discurso, sobre o qual o grupo ganha a função de chamar o sujeito para apropriar-se como **ato**, para posicionar-se frente a essa relação e ter, assim, possibilidade de movimentação da mesma.

O que importa é o que o mundo é para o sujeito e o que ele é para ele mesmo. Não são os traços da realidade – da própria personagem e de sua ambiência – que constituem aqueles elementos dos quais se forma a imagem da personagem, mas o *valor* de tais traços para *ela mesma*, para sua autoconsciência. Em Dostoiévski, todas as qualidades objetivas estáveis da personagem, a sua posição social, a tipicidade sociológica e caracterológica, o *habitus*, o perfil espiritual e inclusive a sua aparência externa – ou seja, tudo de que se serve o autor para criar uma imagem rígida e estável da personagem, o “quem é ele” -, tornam-se objeto de reflexão da própria personagem e objeto de sua autoconsciência; a própria *função* dessa autoconsciência é o que constitui o objeto da visão e representação do autor. Enquanto a autoconsciência habitual da personagem é mero elemento de sua realidade, apenas um dos traços de

sua imagem integral, aqui, ao contrário, toda a realidade se torna elemento de sua autoconsciência (Bakhtin, 2010, p. 53).

Bakhtin (2015) coloca a autoconsciência das personagens dos romances de Dostoievski como pilar para a decomposição da unidade monológica do mundo artístico, desde que essa consciência seja devidamente representada e tenha seu lugar e voz nesse enredo e que não se funda ao autor ou se torne veículo da voz do mesmo, em uma dinâmica dialógica de movimento e não de objetificação.

A personagem se torna relativamente livre e independente, pois tudo aquilo que no plano do autor a tornara definida, por assim dizer sentenciada, aquilo que a qualificara de uma vez por todas como imagem acabada da realidade, tudo isso passa agora a funcionar não como forma que conclui a personagem, mas como material de sua autoconsciência (Bakhtin, 2010, p. 58).

Para que haja essa possibilidade de movimentação, de **dialogia**, é necessário que o lugar do grupo proporcione ao sujeito que ele possa se posicionar de forma ativa tanto para si mesmo como para o outro, em um encontro onde não há tentativas de encerramento do mesmo em uma unificação, mas de abertura para a compreensão das relações **dialógicas** que construíram esse funcionamento.

A posição da qual se narra e se constrói a representação ou se comunica algo deve ser orientada em termos novos em face desse mundo novo,

desse mundo de sujeitos investidos de plenos direitos, e não de um mundo de objetos (Bakhtin, 2010, p. 06).

Se o movimento e a multiplicidade de vozes constituintes da **dialogia** são, então, condições para qualquer existir, o diferencial dos romances dostoiévskianos e de suas personagens está no modo como esses diferentes modos de existir têm vazão e são vistos:

Dessa consciência da diversidade de caracteres de seres humanos como constituintes de um vasto universo social em formação decorrem as múltiplas vozes que o representam, razão por que Dostoiévski aguça ao máximo seu ouvido, ausculta as vozes desse universo social como um diálogo sem fim, no qual vozes do passado se cruzam com vozes do presente e fazem seus ecos se propagarem no sentido do futuro. Daí a impossibilidade do acabamento, daí o discurso polifônico ser sempre o discurso em aberto, o discurso das questões não resolvidas (Bakhtin, 2010, p. 12).

Da mesma forma, se o movimento e a multiplicidade de vozes constituintes da **dialogia** são condições para qualquer existir, em uma sociedade onde os discursos são encerrados monologicamente, colocando os sujeitos em uma posição passiva diante de sua própria constituição e de seu próprio estar no mundo, enrijecendo as possibilidades de transformação de si mesmos e de seus contextos, é necessário que no grupo que faz

aparecer a **dialogia**, a diversidade dos sujeitos que dele fazem parte seja escutada de forma o máximo possível aguçada, para que o diálogo entre as falas presentes e as vozes sociais que fazem parte do discurso que ali tem lugar ganhe espaço.

Quando falamos, portanto, em relações dialógicas, estamos dizendo da possibilidade de encontros entre múltiplas vozes independentes de forma equipolente. Isso significa, ao propor um grupo, que ocupamos um lugar não só de oferecer lugar de fala, mas também de identificar os **enunciados** dominantes, os funcionamentos monológicos e estabelecer a equipolência entre as vozes sociais.

O grupo é lugar repleto de uma movimentação proveniente, por sua vez, do processo de constituição dos sujeitos. Ao pensarmos o modo como as personagens de Dostoievski são vistas e posicionadas frente ao enredo ao qual pertencem, podemos refletir sobre como os sujeitos que participam de um grupo dialógico também devem ser vistos por nós ao propormos esse lugar: como impossíveis de serem objetificados e encerrados em um conceito, sendo suas ações não passíveis de interpretação, mas de direito de ocupar um espaço em que possam ser vistas.

Nesse sentido, funcionamentos monológicos estão repletos de relações monológicas, que encerram os sujeitos em conclusões paralisantes e naturalizadas, não dando vazão às inúmeras vozes sociais e consciências que constituem seu discurso e, conseqüentemente, sua existência, constituindo um espaço de rigidez.

Um lugar de rigidez e estagnação se voltaria para a necessidade de adaptar o outro, transformá-lo em objeto de um contexto enrijecido naturalizante de seu processo de constituição, tornando-o passivo e sem alteridade para a criação de novos discursos, fazendo dele uma imagem conveniente ao modo de produção capitalista, o que o encerraria em uma definição.

Em um plano monológico, o sujeito é visto e se via como fechado em ações, afetações, pensamentos e discursos que cabem dentro dos limites de sua imagem definida. Em um lugar que tem a característica cujo processo valoriza a **dialogia**, porém, ultrapassam-se os limites de um caráter e de uma tipicidade desse sujeito, perturbando a ordem monológica e enrijecida desse contexto (Bakhtin, 2010).

De que forma esses processos grupais **dialógicos** podem ter lugar?

Primeiramente, é indispensável ao grupo que os sujeitos ali presentes tenham a oportunidade de falar e de serem ouvidos, que seu discurso possa circular dentro daquele lugar como que não acontece no cotidiano devido às relações de poder e à lógica da exploração típica da estrutura capitalista que norteia nossa sociedade.

Não é de qualquer forma, porém, que as falas dentro do grupo são ditas por seus membros e ouvidas por aqueles que pensam esse lugar, mas sim devendo-se partir do universo como sendo **polifônico**, com uma constituição ampliada, multifacetada e repleta de possibilidades, de onde, ao falar dessa realidade, o sujeito reflete de forma singular sua vida social, cultural e ideológica (Bezerra, 2005).

Fazer com que o grupo seja lugar de fala para que os sujeitos possam dizer de si mesmos e de seu próprio contexto, significa garantir uma reflexão maior, sobre como se dá a constituição dessas pessoas e a relação que elas estabelecem com o mundo.

Por sua vez, pensar sobre seu próprio processo de constituição e sua relação com o mundo proporciona, ao sujeito, refletir sobre de onde ele vem, questionar seu cotidiano e suas relações, ou seja, em outras palavras, problematizar a construção da estrutura social em que está contextualizado e as relações de poder em que está inserido. Abrem-se, assim, possibilidades diversas de se enxergar no mundo.

O grupo **dialógico** realiza um chamado ao sujeito para que ele responda por seus atos, para que ele se torne atuante, não indiferente, para que se envolva com o conteúdo

do seu agir, com seus processos de constituição, valoração e avaliação de si mesmo em relação ao seu próprio ato.

Uma mediação que atente o sujeito para seu não álubi com relação a seu modo de estar no mundo, o faz (re)pensar sobre suas relações e, novamente, sobre como essas relações acontecem frente à sociedade em que vive, questionar os motivos pelos quais elas acontecem na forma como se dão, e, mais ainda, o que é possível fazer com isso. Pensar sobre a própria passividade em seu cotidiano pode levar o sujeito participante do grupo a se posicionar dentro de sua realidade, a viver a partir de seu lugar singular, sendo capaz de reconhecer suas próprias ações e relações, não sendo mais um objeto descartável e pertencente à massa social, mas sim um sujeito singular, que não pode se abster de seu lugar.

Quando o sujeito pode responder por suas ações, não é mais possível que ele negue a realidade concreta em que se encontra, a possibilidade de transformá-la e a relação que estabelece com o outro nesse processo, visto que todo processo de constituição, que se dá em uma cadeia ininterrupta de atos, acontece na relação com o outro.

Proporcionar encontros dentro do lugar do grupo significa, em termos bakhtinianos, assegurar que o mesmo consiga proporcionar a posição de **exotopia** dos sujeitos em relação uns aos outros e a oferta do **excedente de visão**. Esse processo grupal só acontece a partir da percepção da existência de outros de fora, deslocados do próprio sujeito em questão e que podem lhe ofertar uma visão que lhe proporciona breve acabamento, suficiente apenas para que, com esse olhar sobre si mesmo, o sujeito volte-se para si e possa refletir sobre sua própria incompletude.

Esse processo **dialógico** tem que estar carregado, sempre, de outras vozes que não a voz direta do sujeito, a serem chamadas para compor o conjunto de vozes sociais

que por ele serão reordenadas em um todo, de forma singular. Para isso, é necessário que o sujeito receba ajuda para se deslocar ao menos brevemente de seu próprio discurso para que possa retornar a ele e transformá-lo (Faraco, 2005).

A mediação que acontece no grupo deve procurar garantir que o sujeito se enxergue nem como único produtor de sua própria voz, nem como um mero refratário das vozes sociais que o constituem, mas como **coautor** de seu discurso. Dessa forma, o grupo **dialógico** não se constitui como lugar em que os sujeitos se expressam, apenas, pois esse lugar seria o lugar da simples reprodução de outros dizeres, mas sim o lugar da ativa **coautoria** de discursos, da criação de **enunciados**.

Para que isso aconteça, é necessário que o espaço comum dos interlocutores do **enunciado** seja proporcionado, o que já acontece quando o grupo garante que dentro todas as falas sejam ouvidas de um mesmo patamar; que o contexto do qual todos os interlocutores fazem parte seja conhecido e compreendido, o que acontece a partir do momento em que cada sujeito tem a oportunidade de se posicionar e de ser ouvido sem pré-julgamentos a respeito de sua realidade; e que cada interlocutor possa avaliar os **enunciados** que ali são proferidos, ou seja, possam oferecer seu olhar sob aquilo que é dito dentro do espaço do grupo (Brait e Melo, 2005).

Ao refletir uma realidade, uma condição histórica e cultural, tem-se o **enunciado** como um fenômeno da comunicação entre os sujeitos, que é vivo, que é passível de movimentação e de transformação, o que não o descaracteriza como sendo singular, no entanto, já que o próprio Bakhtin (1992) garante que o mesmo reflete a singularidade dos sujeitos que enunciam, pois o discurso perpassa por seus **atos** únicos e irrepetíveis, apesar de serem donos de **coautorias**.

Nesse sentido, o grupo **dialógico** é aquele que possui um movimento em que o sujeito é percebido como ativo e responsivo, por meio de uma abertura de espaço para

que seu discurso possa ser ouvido e respondido e para que, a partir desses encontros, novos **enunciados** sejam criados, em **polifonia**.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

[...] Uma palavra abriu o roupão pra mim.
Ela deseja que eu a seja.
A terapia literária consiste em desarrumar a linguagem
a ponto que ela expresse nossos mais fundos desejos.
Quero a palavra que sirva na boca dos passarinhos.
Esta tarefa de cessar é que puxa minhas frases para antes de mim [...].
(O Livro sobre Nada – Manoel de Barros)

A construção dessa dissertação de mestrado é atravessada pelos limites provenientes da atribuição de conceitos a uma visão de processo grupal, que não foram conceituados por Bakhtin com essa finalidade. Entendemos, no entanto, o quanto falar de Dialogismo, Polifonia, Ato/atividade, Tom emotivo-volitivo, Enunciado, Exotopia/Excedente de visão e de Autoria diz dos processos de constituição do sujeito inserido em um contexto, cultural, social e histórico que o coloca como ativo nesse movimento.

A partir disso, proponho inspirar um fazer grupal que também está comprometido com essa visão, sendo que o que resulta disso é um diálogo constante que se movimenta entre uma visão de grupo e as reflexões que os conceitos bakhtinianos proporcionam, produzindo a possibilidade de ser coautora da construção de processos grupais dialógicos.

A presença das vozes de Bakhtin, e outros autores nos quais me embaso constituem um enfoque, um recorte que é principalmente polifônico e necessário inclusive à estrutura de uma pesquisa de mestrado, na qual opto por oferecer uma inspiração em lugar de uma instrumentalização a fim de, primeiramente, apontar

aspectos importantes e caros ao pensar em grupo: como nos posicionamos dentro desse lugar e de que formas as relações ali podem ser construídas de modo que proporcionem ruptura, movimento, contradições e dialogia.

Ao passo que esse encontro dialógico aponta um caminho, também deixa algumas questões ainda por pensar: A quais outros aspectos não me atentei ao refletir sobre os grupos e práticas grupais já existentes e a quais questões não me propus a pensar ao apontar caminhos fundamentais para se pensar em grupos? Quais outros conceitos bakhtinianos poderiam auxiliar a pensar e por em prática um fazer grupal?

Entendo essas questões como um convite para que outras pesquisas possam me oferecer um excedente de visão, para que possam se relacionar com esse texto e agir a partir dele na produção de novos enunciados a respeito dessa temática que é, ou que pelo menos deveria ser, tão visada.

REFERÊNCIAS

Amorim, M. (2004). *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editora.

Andaló, C. S. A. (2010). *Mediação grupal: Uma leitura histórico-cultural*. São Paulo, SP: Ágora.

Bakhtin, M. M. (1992). *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes.

Bakhtin, M. M. (1993) *La construcción de la enunciación*. Trad. Ariel Bignami. Barcelona: Anthropos.

Bakhtin, M. M. (1997). *Problemas da Poética de Dostoievski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Bakhtin, M. M. (2010). *Para uma filosofia do Ato Responsável*. Trad. aos Valdemir Miotello & Carlos Aberto Franco. São Carlos: Pedro & João Editores.

Barros, R. B. A. (2007). *Grupo: a afirmação de um simulacro*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Bezerra, P. (2005). Polifonia. In: Brait, B. (Org.) *Bakhtin conceitos-chave*. 4ª ed, pp. 191 - 200. São Paulo: Contexto.

Batista, H. O., Borges, V. V., & Dalla Vecchia, M. (2011). Os grupos na produção de conhecimento na Psicologia: uma revisão de literatura. *Psicologia & Sociedade*. v. 23, n. 2, pp. 379 – 390. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000200019>

Brait, B. (org) (2005). *Bakhtin: conceitos chave*. 4ª ed. São Paulo: Contexto.

Brait, B. (2016). Dialogismo e polifonia em Mikhail Bakhtin e o Círculo (dez obras fundamentais).

Brait, B & Melo, R. (2005). Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: Brait, B. (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 4ª ed. São Paulo: Contexto.

Faraco, C. A. (2003). *Linguagem e Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições.

Faraco, C. A. (2005). Autor e autoria. In: Brait, B. (Org.) *Bakhtin conceitos-chave*. 4ª ed., pp. 37 – 60. São Paulo: Contexto.

Fiorin, J. L. (2006). Interdiscursividade e intertextualidade. In: Brait, B. (Org.) *Bakhtin outros conceitos-chave*. pp. 161-193. São Paulo: Contexto.

Geraldi, J. W. (2007). A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética. *Ciências Humanas e Pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin*, v.107, n.2, pp. 39 –56. São Paulo: Cortez.

Lane, S. T. M. (1984). O Processo Grupal. In S. T. M. Lane & W. Codo (Eds.), *Psicologia Social: O homem em movimento*. pp. 78-98. São Paulo, SP: Brasiliense.

Lane, S. T. M.; W. Codo (Eds.) (2001). *Psicologia Social: o homem em movimento*. 13 ed. São Paulo, SP: Brasiliense.

Marcuzzo, P. (2008). Diálogo inconcluso: os conceitos de dialogismo e polifonia na obra de Mikhail Bakhtin. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n. 36. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/cadernos>

Martín-Baró, I. (1989). Sistema, grupo y poder. In *Psicologia Social desde Centroamérica II*. San Salvador, El Salvador: Universidad Centroamericana José Simeón Cañas.

Martín-Maró, I. (2017). Júnior, F. L. (organização e tradução). *Crítica e libertação na psicologia: estudos psicossociais*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Martins, S. T. F. (2007). Psicologia Social e Processo Grupal: a coerência entre fazer, pensar e sentir em Silvia Lane. *Psicologia e Sociedade*, v. 19, ed. especial 2, pp. 76-80. São Paulo – SP.

Sobral, A. (2005). Ato/Atividade e evento. In: Brait, B. (Org.) *Bakhtin conceitos-chave*. 4ªed, pp. 11 – 36. São Paulo: Contexto.

Sobral, A. (2012). A concepção de autoria do Círculo de Bakhtin, Medvedev, Voloshinov: confrontos e definições. *Macabéa Revista Eletrônica do Netlli*, v. 1, n. 2, pp.123-143. In: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/view/380> (último acesso: 22/06/2018).

Vygotski, L. S. (1995). *Obras escogidas III: problemas de la desarrollo dela psique*. Madrid: Visor.

Zanella, A. V. & Pereira. S.,. (2001). Constituir-se Enquanto Grupo: a ação de sujeitos na produção do coletivo. *Psicologia em Estudo*, v. 6, n. 1, pp. 105-114. Maringá – PR.

Zanella, A. V. (2004). Atividade, Significação e Constituição do Sujeito: considerações à luz da Psicologia histórico cultural. *Psicologia em Estudo*, v. 9, n. 1, pp. 127-135. Maringá- PR.